



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)  
CINEMA E AUDIOVISUAL- MÉTODOS DE  
PESQUISA EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

## **QUANDO ELAS RECEBEM FLORES?**

Roteiro de série documentário ficcional

**AURORA AUGUSTO LIMA**

Foz do Iguaçu

2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)  
CINEMA E AUDIOVISUAL- MÉTODOS DE  
PESQUISA EM CINEMA E AUDIOVISUAL**

## **QUANDO ELAS RECEBEM FLORES?**

Roteiro de série documentário ficcional

**AURORA AUGUSTO LIMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Professora Ester Marçal Fér

Foz do Iguaçu

2025

AURORA AUGUSTO LIMA

## **QUANDO ELAS RECEBEM FLORES?**

Roteiro de série documentário ficcional

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Me. Ester Marçal Fér  
UNILA

---

Prof. Dra. Camila Marques  
(UNILA)

---

Prof. Dra. Francieli Rebelatto  
(UNILA)

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha espiritualidade, por ter me dado caminho e foco, por me mostrar o que já estava dentro de mim, sem ela eu não teria chegado até aqui. A minha família, que apesar dos problemas que passei no passado, hoje em dia me incentivam a seguir meus sonhos, em especial a minha mãe, Aparecida Augusto, que sempre esteve do meu lado mesmo nos momentos mais difíceis, me defendia mesmo quando o mundo estava contra mim, obrigada por ter me mostrando o mundo através de uma tela linda e cheia de amor, por me ensinar que a arte pode transformar o sofrimento em força. Ao meu pai, Márcio Antônio Lima, por me ensinar a ser mais forte e me mostrar que a vida é dura mesmo, mas que somos maiores que nossas dores e problemas. A minha irmã, Joira Augusto Lima, que durante grande parte da minha infância fez de tudo para que eu crescesse pronta para enfrentar a realidade de frente, ao mesmo tempo que foi uma das minhas grandes inspirações, para quem eu me tornei hoje. A minha irmã Letícia, que teve a coragem de sair de casa tão cedo, para viver o que ela acreditava, obrigada por ter sido sempre tão carinhosa e compreensiva, por ter me mostrado meus primeiros filmes, sinto muita falta desses momentos e guardo eles com muito carinho, queria ter tido mais tempo com você quando pequena.

A minha Orientadora, Ester Marçal que teve tanta paciência e carinho durante essa trajetória me ajudando e incentivando para que eu continuasse confiante e focada na elaboração do meu tcc.

As minhas professoras Francieli Rebelatto e Camila Marques, por terem feito da sala de aula um espaço seguro para que a gente pudesse criar sem medo, e aprendesse a técnica de um jeito prático e eficiente, por sempre incentivarem seus alunos ao máximo, seja criando projetos de extensão, cuidando do acervo, levando nós a acampamentos, trazendo diretoras para nos ensinar técnicas mais aprofundadas, vocês são duas professoras que me mostraram o que realmente é fazer cinema, e me inspiram a continuar acreditando nos meus sonhos.

As minhas amigas Serena Vinícius, Zuri Moura, Maria João e Élide Bueno, que colaboraram tanto para que esse projeto saísse de dentro de mim, seja de maneira teórica trazendo muitas referências e me auxiliando na escrita ou me apoiando emocionalmente.

Ao Lucca, por ter sido a pessoa que mais me acolheu esse ano e ter me dado

forças para continuar quando eu mesma pensava que não conseguiria, espero te levar para vida.

A Rafaela Kenedy, que disponibilizou seu tempo para fazer a entrevista e me contar um pouco mais sobre sua trajetória e me ensinar sobre o conceito Corpo Bioma.

Ao Fadel Gutierrez e Alessandra Pimentel, que aos últimos segundos do segundo tempo me deram uma ajuda necessária para eu finalizar esse projeto, com todo carinho e paciência.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida durante essa trajetória acadêmica, amigos, professores, amores, desde quando eu estava em biologia até agora, onde me encontro finalizando um grande ciclo da minha vida, mas ao mesmo tempo iniciando um caminho em uma área que eu pretendo trabalhar muito, para deixar uma marca no coração das pessoas.

Agradeço em especial a todos que já amei, por terem me mostrado o que eu mereço, onde eu posso chegar, que meus sonhos valem muito e não posso deixar ninguém me deixar desistir deles. O que me leva, a mim, obrigada Aurora por ter sido forte durante esses anos, sei que teve alguns dias que tudo pareceu cinza, mas algo dentro de você continuou acreditando e lutando para que a gente chegasse até aqui, é só o começo, Laroyê exu.

## RESUMO

“Quando Elas Recebem Flores?” é um roteiro de série documental que incorpora elementos ficcionais para expandir a experiência sensível do público. A obra trata dos afetos entre pessoas trans e travestis, entendendo afeto não apenas como relação amorosa. Mas como tudo aquilo que atravessa e transforma os corpos retratados. O projeto propõe um respiro diante das violências cotidianas, ao mesmo tempo em que evidencia problemáticas contemporâneas da comunidade T. Mais do que a denúncia, a série celebra corpos que criam, resistem e se reinventam, convidando o público a refletir sobre as conquistas já alcançadas e os passos ainda por vir em um futuro incerto, mas pleno de beleza, força e imaginação. O projeto se estrutura a partir dos biomas brasileiros e o processo de migração, em diálogo com três personagens trans que vivem e atuam nesses territórios. A escolha por esse recorte não é apenas geográfica, mas simbólica: a natureza e a cultura se entrelaçam, revelando modos de existir e resistir que emergem da relação entre corpo e ambiente. As narrativas são costuradas por uma linguagem que evidencia o próprio fazer cinematográfico, lembrando o público de que se trata de cinema e de escolhas de recorte. O projeto reconhece que nenhuma obra representa a totalidade de uma população. Por isso, utiliza a metalinguagem e a ficcionalização como estratégias. O desenvolvimento do roteiro baseia-se em pesquisa de campo e entrevistas com as personagens, articulando registros documentais e encenações poéticas para construir a narrativa. Em vez de reduzir personagens a estigmas, “Quando Elas Recebem Flores?” celebra suas memórias, vivências, redes de afeto e de criação cultural, como as comunidades trans e a cena ballroom que pulsam em diferentes regiões do Brasil. Com ritmo poético e pulsação coletiva, a série se constrói como gesto político e sensível, reafirmando a potência da arte audiovisual enquanto ferramenta de celebração e transformação. Mais do que documentar, propõe imaginar futuros, ocupações e conquistas, ao mesmo tempo em que registra corpos trans e travestis em sua vitalidade, complexidade e criatividade. Portanto, a série é um convite para pensar os atravessamentos do presente, ressignificar a memória e ampliar os horizontes do que pode ser visto e sonhado no audiovisual brasileiro.

**Palavras-chave:** roteiro, documentário, série, travestis, transsexuais, bioma.

## RESUMEN

“¿Cuándo Ellas Reciben Flores?” Es un guión de serie documental que incorpora elementos ficcionales para expandir la experiencia sensible del público. La obra aborda los afectos entre personas trans y travestis, entendiendo el afecto no solo como relación amorosa, sino como todo aquello que atraviesa y transforma los cuerpos retratados. El proyecto propone un respiro ante las violencias cotidianas, al mismo tiempo que evidencia problemáticas contemporáneas de la comunidad T. Más que una denuncia, la serie celebra cuerpos que crean, resisten y se reinventan, invitando al público a reflexionar sobre las conquistas ya alcanzadas y los pasos que aún están por venir en un futuro incierto, pero lleno de belleza, fuerza e imaginación. El proyecto se estructura a partir de los biomas brasileños y del proceso de migración, en diálogo con tres personajes trans que viven y actúan en esos territorios. La elección de este recorte no es solo geográfica, sino simbólica: la naturaleza y la cultura se entrelazan, revelando modos de existir y resistir que emergen de la relación entre cuerpo y ambiente. Las narrativas son hiladas mediante un lenguaje que evidencia el propio hacer cinematográfico, recordándole al público que se trata de cine y de decisiones de enfoque. El proyecto reconoce que ninguna obra representa la totalidad de una población; por eso utiliza la metalingüística y la ficcionalización como estrategias. El desarrollo del guión se basa en investigación de campo y en entrevistas con las protagonistas, articulando registros documentales y puestas en escena poéticas para construir la narrativa. En lugar de reducir a las personas a estigmas, “¿Cuándo Ellas Reciben Flores?” celebra sus memorias, vivencias, redes de afecto y de creación cultural, como las comunidades trans y la escena ballroom que laten en distintas regiones de Brasil. Con un ritmo poético y una pulsación colectiva, la serie se construye como un gesto político y sensible, reafirmando la potencia del arte audiovisual como herramienta de celebración y transformación. Más que documentar, propone imaginar futuros, ocupaciones y conquistas, al mismo tiempo que registra cuerpos trans y travestis en su vitalidad, complejidad y creatividad. Por lo tanto, la serie es una invitación a pensar los atravesamientos del presente, resignificar la memoria y ampliar los horizontes de lo que puede ser visto y soñado en el audiovisual brasileño.

**Palabras clave:** guion, documental, serie, travestis, personas trans, bioma.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transsexuais
APIQ	Articulação de Políticas Indígenas e Quilombolas
APTA	Associação de Profissionais Trans do Audiovisual
IBRAT	Instituto Brasileiro de Transmasculinidades
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFSB	Universidade Federal do Sul da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNIFESP	Universidade do Estado de São Paulo
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>3</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>5</b>
<b>RESUMEN.....</b>	<b>6</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>7</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>13</b>
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>19</b>
3.1. Roteirizar o Real: Caminhos Teóricos e Práticos na Criação Documental.....	19
3.2 Character Driven, personagens que guiam o real: o íntimo como dramaturgia e memória como futuro.....	24
3.3 Corpo-bioma, corpo-território e travestilidade como ecossistema.....	27
3.4 Amor, Afetos e Espiritualidade.....	30
<b>4. STORYLINE E SINOPSE.....</b>	<b>33</b>
4.1 STORYLINE.....	33
4.3 SINOPSE EP 1 MATA ATLÂNTICA.....	33
4.4 SINOPSE EP 2 AMAZÔNIA.....	34
4.5 SINOPSE EP 3 PAMPA.....	35
4.6 SINOPSE EP 4 CERRADO.....	35
4.7 SINOPSE EP 5 CAATINGA.....	36
4.8 SINOPSE EP 6 PANTANAL.....	37
<b>5. ROTEIRO.....</b>	<b>38</b>
<b>6. PERSONAGENS.....</b>	<b>62</b>
6.1 EPISÓDIO PILOTO 1 - “ As Flores que Nascem no Atlântico”.....	62
6.2 EP 2- “A Resistência da Amazônia que Ultrapassa Fronteiras”.....	65
6.3 EP 3- “As Planícies do Pampa que Crescem no Amor”.....	68
6.4 EP 4- “ As Sementes do Cerrado que Transformam o Futuro” (Cerrado).....	70
6.5 EP 5 - “Os Ricos Frutos da Caatinga”.....	73
6.6 EP 6 - “A Força Natural do Pantanal”.....	75
<b>7. TEMPO E ESPAÇO NARRATIVO.....</b>	<b>78</b>
<b>8. RELATÓRIO CRÍTICO.....</b>	<b>79</b>
<b>9. ANEXOS.....</b>	<b>81</b>
<b>10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>82</b>
<b>11. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....</b>	<b>86</b>
11.1 Séries.....	86
11.2 Documentários / Curtas / Programas.....	86



## 1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta o roteiro de série documental intitulado: “*Quando Elas Recebem Flores?*”, uma obra com momentos de ficção que parte de experiências íntimas e coletivas. Aborda temas como afetos, identidade, cultura, sociedade, religiosidade, conflitos geracionais e questões de gênero de forma a discutir estereótipos associados a pessoas trans e travestis, utilizando uma perspectiva feminista e pedagógica que desafia as narrativas patriarcais tradicionais.

O roteiro acompanha a vivência de pessoas trans e travestis ao longo dos 6 episódios, cada episódio de 20 minutos conta com 3 pessoas de um mesmo bioma (mas não necessariamente de um mesmo estado), que estão vivendo suas vidas; estudando, trabalhando, amando e exercendo sua espiritualidade. Ao final de cada episódio, ocorre um encontro simbólico em um espaço poético e surreal, no qual o território se manifesta como força convocatória desses personagens. É nesse entrelaçamento que surge o conceito artístico e teórico de corpo-bioma<sup>1</sup>, entende-se os corpos não apenas como indivíduos isolados, mas como extensões vivas do ambiente que habitam. O roteiro propõe uma reflexão sobre esse imaginário coletivo criado em torno da comunidade T<sup>2</sup>, sobre os processos de migração, os estigmas cristalizados pela sociedade que perduram sobre nossos corpos e espaço; sobretudo, invoca a celebração, força e capacidade que temos de criar nossas próprias realidades.

Por meio de vivências singulares e interconectadas, o projeto propõe narrativas que se distanciam de estereótipos tradicionais, o que é fundamental para promover uma nova perspectiva sobre as experiências da comunidade T. Ao focar em protagonistas com suas experiências individuais que se contrapõem e, por vezes, se complementam, a série se distancia de como a indústria audiovisual constrói e lucra com representações que reduzem corpos dissidentes a uma mercadoria. Nesse contexto, para se tornarem visíveis, as pessoas trans e travestis são forçadas a caber em padrões comercializáveis, constantemente reforçados por narrativas que

---

<sup>1</sup>*Corpo-Bioma*: O conceito de corpo-bioma, formulado por Rafaela Kennedy propõe compreender a travestilidade como ecossistema vivo e em disputa. O termo recusa a ideia de corpo como desvio ou descarte, afirmando-o como território de resistência e continuidade entre natureza, meio ambiente e existência.

<sup>2</sup>*Comunidade T*: termo que refere-se a comunidade trans.

exploram a hipersexualização.

A pornografia que, historicamente, se infiltra no cinema e na televisão, legitima uma expectativa de fetiche sobre a travestilidade<sup>3</sup>, transformando-a em espetáculo e em objeto de consumo. Essa lógica faz com que, paradoxalmente, sejamos vistas como responsáveis por papéis e limitações que nos foram impostos, alimentando involuntariamente um mercado que transforma nossa vivência em produto.

Em síntese, “*Quando Elas Recebem Flores?*” não se limita a entreter, contudo busca instaurar uma nova perspectiva que reconheça e celebre a complexidade das vivências trans e travestis. O projeto se propõe a fortalecer um audiovisual mais inclusivo e plural, capaz de romper com as imagens estigmatizadas que historicamente marcaram a comunidade T. Ao apresentar essas histórias de forma sensível e legítima, a série busca inspirar outras criadoras a trilhar caminhos semelhantes e, especialmente, oferecer a pessoas trans em processo de descoberta a possibilidade de se enxergar em tela de maneira digna e transformadora. Assim, a obra contribui para ressignificar as representações audiovisuais contemporâneas, ampliando o imaginário coletivo e desmistificando as experiências trans em todas as suas fases e dimensões.

Como tema central, o roteiro busca criar uma memória viva, na qual trajetórias, afetos e resistências possam ser observadas e sentidas. O projeto parte de questões: *como vivem as novas gerações trans na contemporaneidade, depois de tantas lutas das que vieram antes? Quais batalhas persistem e quais são inéditas? É possível envelhecer com dignidade? Onde estão as mais velhas?* Essas perguntas atravessam cada episódio e cada personagem, oferecendo ao espectador um panorama complexo de vidas que se entrelaçam com histórias de resistência, criação e afeto.

Ao mesmo tempo, a série explora as dimensões do amor e dos vínculos: *quem nos ama? Quem amamos? De que forma amamos?* As seguintes questões guiam o roteiro, revelando que a experiência trans não se reduz a um processo de visibilidade ou transição. Trata-se de uma vivência atravessada por redes de cuidado, por relações profundas e por encontros cotidianos que constroem modos singulares de existir.

---

<sup>3</sup>*Travestilidade*: termo político latino-americano, afirma identidades femininas que desafiam o binarismo de gênero e constroem modos próprios de existir. Já a transsexualidade inclui homens trans, pessoas não binárias e mulheres trans.

O projeto também revisita as infâncias trans, lembrando que a vida não se inicia apenas no momento da transição. Há um percurso anterior, marcado por resistência, dor, alegria e brincadeiras com arquétipos de gênero. Uma travesti que joga bola, move-se pelo mundo sem se limitar a expectativas alheias. Momentos como esses, por vezes pequenos e fugazes, revelam a construção da identidade e da própria percepção de mulheridade<sup>4</sup> e masculinidade, expandindo as possibilidades de existir.

A relação entre corpo e território, central no conceito de corpo-bioma, permite compreender cada personagem em sua dimensão simbólica e física. Os corpos trans não são apenas indivíduos isolados, mas extensões vivas dos biomas que habitam. Tal perspectiva possibilita uma narrativa em que a força da natureza, os elementos culturais e as memórias do território dialogam com os corpos, moldando experiências, afetos e sentidos.

Em termos de construção do roteiro, o projeto se beneficia da ideia de Puccini (2012) de que o documentário é uma “escrita em aberto”, sensível a descobertas e transformações ao longo da produção. Cada episódio é planejado, mas permanece flexível para capturar átomos dramáticos, como propõe Guzmán (2017): gestos, olhares e situações que carregam profundidade invisível e dramatizam a experiência das personagens. Assim, o roteiro não apenas registra, mas dramatiza a realidade, expondo desejos, conflitos e afetos em sua pulsação mais intensa. Por isso, ao final de cada episódio, a narrativa se projeta para um mundo surreal, pois a própria ficção contém momentos que funcionam como átomos dramáticos, tão lindos que ocorrem sem planejamento, mas quando se vê já estão acontecendo e o “ação” às vezes nem precisa ser dito, somente sentido.

Por fim, a série constrói cenas poéticas e coletivas, reunindo momentos de estudo, trabalho, criação, brincadeira e oração que culminam em encontros simbólicos no território. Esses encontros transformam o bioma em palco e as personagens em agentes de memória e resistência, reafirmando a potência da experiência trans como criadora de sentidos e possibilidades de futuro.

---

<sup>4</sup> *Mulheridade*: termo cuja referência é a essência, experiência e qualidade do que é ser mulher, reconhecendo as diferenças diante as vivências sociais daquelas que se identificam como tal.

## 2. JUSTIFICATIVA

A obra “*Quando Elas Recebem Flores?*” surgiu como curta-metragem durante minha graduação em Cinema e Audiovisual na UNILA, na disciplina de documentário ministrada pelo professor Leandro Afonso. Naquele período, atravessava o término de um relacionamento e passava por questionamentos profundos sobre meu corpo e meus valores. Senti então a necessidade de produzir algo que fosse simultaneamente sobre mim e para além de mim. Eu não me via representada na televisão, encontrava poucas referências nas universidades. Raramente encontrava histórias de mulheres trans sendo amadas, estudando, trabalhando ou simplesmente existindo com dignidade. Precisava criar algo que trouxesse esperança, que falasse de amor e futuro, que me fizesse sentir viva.

Minha trajetória acadêmica também moldou meu olhar. Passei três anos estudando Biologia na UNILA, explorando fauna, flora e ecossistemas. Percebi que queria compreender o humano a partir do encontro com o ambiente, a partir do sentir e do estar no espaço. Ao me transferir para Cinema, percebi a oportunidade de unir esses dois campos: a observação da natureza e a criação audiovisual. Essa fusão entre ciência e arte me permitiu desenvolver uma linguagem sensível, na qual os corpos se conectam com os territórios que habitam, criando narrativas que são ao mesmo tempo íntimas, coletivas e poéticas.

A partir dessa experiência pessoal e acadêmica, o projeto expandiu-se para uma série documental, do qual surge da necessidade de celebrar ainda mais as vidas trans, seus afetos, memórias e potências criativas. Busca buscando afirmar a existência de pessoas trans, gerar esperança e oferecer imagens de resistência, pertencimento e futuro.

No livro “*Bicha (nem tão) má*”: representações da homossexualidade na telenovela “*Amor à Vida*” (2015), Fernanda Nascimento realiza uma pesquisa com um embasamento teórico na qual propõe reflexões sobre sexualidade e identidade de gênero sob uma perspectiva interseccional. O estudo apresenta um panorama de 126 personagens LGBTQPN+ em 62 novelas, revelando uma baixíssima presença de personagens negros, trans e travestis. Tal constatação reforça a compreensão de que as representações midiáticas são frequentemente marcadas por relações de poder, nas quais grupos hegemônicos tendem a dominar a narrativa, enquanto vozes subalternas lutam por espaço e visibilidade. A disputa por

representações é crucial para a construção de identidades e para a luta por direitos e reconhecimento. A mídia, portanto, desempenha um papel fundamental na configuração das relações sociais e na formação da cultura, constituindo-se como um campo em que as dinâmicas de poder são constantemente negociadas.

A justificativa surge de um lugar de inquietação enquanto travesti. Sabemos que as mulheres trans constituem um grande mercado da indústria pornográfica, na qual a mercantilização dos corpos é fomentada por uma hipersexualização histórica, estendendo-se também ao cinema e à televisão. A partir desse contexto, a travestilidade torna-se uma contingência: somos constantemente observadas e a expectativa sobre nós está sempre vinculada ao fetiche. Essa pressão é tão intensa que, muitas vezes, acabamos responsabilizadas pelas limitações que nos foram impostas. Não somos o fetiche, mas, acabamos por alimentá-lo para sustentar essa indústria ou esse ideal de “amor”.

Autores como Adorno e Horkheimer argumentam que a produção em massa de bens culturais não apenas padroniza a arte, mas também a transforma em uma mercadoria que precisa se adaptar às exigências do mercado. As reflexões dos autores podem ser encontradas no artigo “Considerações acerca da indústria cultural em Adorno e Horkheimer” (2018), de Vinicius Broetto Navarro, que destaca: “O consumo desta sociedade é a finalidade da indústria, é o ‘trunfo do capital investido’.” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 102).

A mídia, como esfera de mediação, molda a visão de mundo, a opinião pública e os valores sociais, funciona como um campo de batalhas pelo controle da sociedade (KELLNER, 2001, p. 54). Dessa forma, as disputas que ocorrem nesse espaço estão ligadas ao poder histórico exercido por grupos dominantes, o que leva setores marginalizados a reivindicarem maior visibilidade e representação. Nesse contexto de tensões, a mídia pode tanto reproduzir interesses dominantes e perpetuar a dominação quanto ser uma ferramenta de empoderamento e resistência para os indivíduos. Essa ambivalência permite que vozes antes silenciadas possam se afirmar, desafiando narrativas hegemônicas e promovendo uma maior diversidade de perspectivas (KELLNER, 2001, p. 64). Assim, a mídia desempenha um papel crucial na configuração do debate público e na luta por justiça social.

O autor Kellner (2001), parte-se do pressuposto de que “sociedade e cultura são terrenos de disputas e que as produções culturais nascem e produzem efeitos em determinados contextos” (KELLNER, 2001, p.15). Assim, podemos compreender

que a construção das identidades é profundamente influenciada pelas representações mediadas que emergem da mídia. Da mesma forma, segundo Hall (2013), a identidade atua como um espaço para demarcar e sustentar características individuais e sociais, ao mesmo tempo em que destaca as diferenças entre sujeitos e grupos.

O processo descrito é moldado por regras, normas e convenções que organizam e governam a vida social. Assim, a mídia não apenas reflete, mas também constrói as percepções sobre identidade, influenciando como as pessoas se veem e como são vistas pelos outros. As representações mediáticas podem tanto reforçar estereótipos e exclusões quanto abrir espaço para a diversidade e a inclusão, tornando-se um campo vital na luta por reconhecimento e valorização das identidades plurais. Como subtema que se atrela a este é a pornografia como indústria que explora corpos, é igualmente significativa. Não sendo responsável apenas pela perpetuação de estereótipos de gênero e fetichização, bem como simplifica e distorce a complexidade das identidades - em especial as identidades trans. A objetificação vivenciada e a redução do corpo a características físicas contribuem para uma visão limitante das experiências humanas, reforçando uma lógica que prioriza o consumo sobre a individualidade e a autenticidade.

A partir disso, busquei forças na minha trajetória pessoal, utilizando meu corpo como arma de fogo. Em determinadas fases, sentia-me usada; em outras, dominava; e por fim, acabava esgotada. Tenho consciência de que muitas mulheres ainda recorrem a seus corpos como principal instrumento, mas, para mim, essa estratégia não funcionou: desgastou-me profundamente e entreguei partes de mim ainda não construídas a pessoas e trabalhos que não valiam a pena.

Dentro do setor audiovisual, diversas vezes o que era mais observado pelos homens cisgêneros, dentro e fora de um set, era o meu corpo, em detrimento do meu trabalho. Como ser feminino, já sou frequentemente diminuída e marginalizada; como mulher trans, enfrento uma pressão ainda maior: se não estou “passável”, sofro transfobia; se estou, sofro assédio. Parece que, de um lado ou de outro, precisamos lidar constantemente com normas sociais pré-concebidas, impostas direta ou indiretamente sobre nossos corpos.

No documentário *Disclosure* (Sam Feder, 2020), Laverne Cox, uma das atrizes trans mais aclamadas na contemporaneidade, sintetiza o nó histórico que o documentário desmonta ao afirmar “(...) as formas como as pessoas trans foram

representadas na tela sugeriam que não éramos reais, que éramos doentes, que não existíamos, no entanto, aqui estou eu. Aqui estamos nós. E sempre existimos”.

O filme evidencia como Hollywood programou uma verdadeira pedagogia do olhar transfóbico, ensinando o público a rir ou a sentir repulsa diante de corpos trans. O padrão desse olhar se cristalizou em inúmeros exemplos de filmes clássicos e populares, em que a “revelação” da identidade de uma personagem trans era seguida por cenas de repulsa ou vômito, como em *The Crying Game* e *Ace Ventura: Pet Detective*. Tais imagens reforçam a ideia de que a transexualidade é enganosa, indesejável ou até monstruosa.

Desde os primórdios do cinema, a indústria audiovisual desempenha um papel central na construção de estereótipos. No documentário (Sam Feder, 2020), os atores e atrizes também comentam sobre o D.W. Griffith, considerado um dos pioneiros do cinema, que produziu obras como *O Nascimento de uma Nação* (1915), amplamente criticadas por seu racismo explícito e pela forma transfóbica de retratar corpos não normativos. Griffith e outros cineastas da época utilizaram o *crossdressing* e a hipersexualização como dispositivos cômicos ou grotescos, moldando a percepção do público e legitimando o medo; a rejeição e o riso em relação às pessoas trans.

Além disso, o documentário (Sam Feder, 2020) mapeia uma série de estereótipos recorrentes: a mulher trans como prostituta, a narrativa trágica em que a personagem adoece ou morre em função do uso dos hormônios e a associação entre gênero não-conforme e violência, como em *Psycho* (1960), *Dressed to Kill* (1980) e *The Silence of the Lambs* (1991). Esses padrões não surgem de forma neutra, mas reproduzem estruturas sociais que reduzem as pessoas trans a caricaturas ou ameaças, ignorando os contextos que efetivamente produzem vulnerabilidade. A própria televisão, como relembra o documentário, reforçou essa lógica em séries médicas ou policiais, nas quais corpos trans eram frequentemente descartáveis.

Outro ponto crucial é a prática persistente de escalar atores cis em papéis trans, recurso que não apenas distorce a experiência de gênero, mas também reforça a percepção de que a transexualidade é uma “fantasia performática” (em particular homens interpretando mulheres trans). Quando esses atores retornam ao “seu corpo original” fora da tela, acabam por transmitir ao público a ideia de que mulheres trans seriam apenas homens disfarçados. Legitima-se, assim, práticas de

desumanização e violência. O caso de Max, em *The L Word* (2006), é emblemático: trata-se de um dos primeiros personagens transmasculinos de destaque na TV, cuja escrita e atuação, entretanto, reforçam estigmas em vez de abrir espaço para uma representação legítima.

A força de *Disclosure* (Sam Feder, 2020) está em conectar essas imagens às consequências reais: como grande parte da população estadunidense —cerca de 80%, segundo estudo da GLAAD (2019) — não conhece pessoas trans pessoalmente, sua principal fonte de referência passa a ser justamente a mídia. Isso significa que os estereótipos audiovisuais não apenas moldam a percepção social, mas também atravessam subjetividades, gerando ódio internalizado e vergonha. O documentário (Sam Feder, 2020) constrói, assim, uma genealogia crítica dos modos de ver a transsexualidade no cinema e na televisão, denunciando o caráter político dessas imagens.

É justamente nesse ponto que “*Quando Elas Recebem Flores?*” encontra ressonância. Se *Disclosure* (Sam Feder, 2020) expõe as violências simbólicas que a indústria audiovisual perpetuou, este projeto busca outras formas de olhar e narrar. A série propõe deslocar o foco da caricatura e da repulsa para a complexidade das vivências trans, recusando tanto a espetacularização fetichista quanto a redução tragicista. Ao entrelaçar as personagens a seus territórios e biomas, a obra propõe uma contra-narrativa em que os corpos não são mercadorias nem metáforas vazias; são potências de vida, memória e celebração. Nesse sentido, “*Quando Elas Recebem Flores?*” atua como gesto de resistência e de invenção estética: uma série que não apenas denuncia os padrões de representação herdados, mas se arrisca a inventar imagens capazes de sustentar futuros mais diversos e inclusivos.

A produção deste projeto seria muito importante para a representação da comunidade transgênera brasileira. Carrega um olhar de humanização e valorização, do qual outras pessoas trans vão ter a oportunidade de se ver em tela e se inspirar umas nas outras, sem luta de convenções, sem dominação de um interesse sobre o outro, mas sim um reconhecimento. Uma obra cujas vozes que eram estigmatizadas agora poderão não só se identificar entre si, porém mostrarem a verdadeira face da vivência de uma pessoa trans através do próprio olhar.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1. Roteirizar o Real: Caminhos Teóricos e Práticos na Criação Documental

Não ter pressa, filmar o tempo que passa, os silêncios, os vazios, os tempos mortos, filmar algumas coisas, acompanhar, seguir, fazer companhia, ficar com alguém, ocupar-se do que está vivo. O cinema documentário, numa palavra, tem interesse na parte não acabada do mundo.

COMOLI, 2008 *apud* GUZMÁN, 2017, p.26

O gesto de filmar o que ainda está vivo, de permanecer ao lado do outro e de acompanhar sem dominar, foi também o princípio que orientou o processo de criação do curta “*Quando Elas Recebem Flores?*”. Desde as primeiras filmagens, procurei cultivar essa atenção à duração, à convivência e ao silêncio, dimensões que, muitas vezes, revelam mais do que o discurso direto. O tempo do documentário, como afirma Comolli, é o tempo do inacabado: o de algo que ainda pulsa e se transforma diante da câmera.

Essa sensibilidade se ampliou a partir do que Guzmán (2017) escreve sobre sua própria trajetória como documentarista. Ele conta que, em suas viagens, “(...) olha à distância um território que não é o seu (...)” (GUZMÁN, 2017, p.17), observando de fora uma sociedade, ouvindo um idioma que não domina completamente, mas que, ainda assim, lhe permite captar “(...) a essência dessa sociedade que está situada na penumbra dos sentidos (...)” (Guzmán, 2017, p.18).

Essa ideia do olhar estrangeiro, capaz de perceber o mundo por entre fendas e silêncios, me atravessa profundamente. Aos dezessete anos, quando saí de casa para viver na Hungria por meio de uma bolsa de estudos, senti o mesmo deslocamento que Guzmán descreve: o de quem precisa escutar com o corpo inteiro, ver o invisível, e compreender o outro a partir de uma distância afetiva e ética. Esse olhar estrangeiro tornou-se uma lente para pensar os diferentes biomas e realidades que a série de “*Quando Elas Recebem Flores?*” percorre, não como exotismos, mas como formas plurais de existir.

No campo da escrita e da estrutura, Guzmán (2017) propõe seis etapas para a construção do roteiro documental: a ideia, o dispositivo, a sinopse, a pesquisa, a localização de cenários e personagens, e o “roteiro imaginário”. Ao desenvolver o

curta, percorri todas essas fases de modo orgânico: as ideias surgiam das conversas, os dispositivos se transformavam a cada encontro e o roteiro, antes de ser um documento fechado, era um corpo poroso, aberto às surpresas.

A seleção das personagens partiu dos ambientes que eu desejava filmar: o trabalho, a faculdade, os espaços de afeto e das trajetórias que poderiam costurar uma narrativa coletiva. Passei dias com cada uma delas, observando seus cotidianos, partilhando cafés, pequenas tarefas e momentos de descanso. As entrevistas aconteciam, geralmente, em suas casas, onde o conforto permitia a emergência de silêncios e pausas que, na montagem, tornaram-se respirações do próprio filme.

Como adverte Guzmán (2017), se atuamos muito apegados aos papéis, corremos o risco de ignorar “os fatos repentinos”. Um documentário, diz ele, é uma busca, uma expedição em que o imprevisto frequentemente se mostra mais revelador do que as ideias preconcebidas. Essa afirmação foi essencial para o modo como compreendo o documentário: planejar para acolher o que surge, permitir que a vida entre e desestabilize o previsto.

No curta e agora na série, trabalho com os seis agentes narrativos descritos por Guzmán (2017): descrição, ação, personagens, entrevistas, fotos/objetos e reconstruções. Eles se cruzam e se contaminam o tempo todo: uma descrição pode nascer dentro de uma ação; um objeto pode abrir caminho para uma lembrança. Não há hierarquia entre eles, apenas escolhas sensíveis de acordo com o tom de cada cena.

Entre esses agentes, a descrição é talvez o mais delicado e potente. Ela existe quando o tempo se prolonga: uma câmera parada diante de uma janela, uma mão que toca um copo, uma casa atravessada pela luz da tarde. É ali que o mundo cotidiano se torna visível. A descrição, como lembra Guzmán (2017), é acompanhada por três outros agentes expressivos: a música, os efeitos e o comentário Juntos, formam uma camada poética de sentidos que ultrapassa o literal<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Tarkovski foi um dos meus cineastas favoritos durante a graduação, e na minha percepção acredito que esta passagem de Guzmán se entrelaça muito com o jeito de pensar e fazer cinema de Tarkovski, esculpir o Tempo.

A ação, por sua vez, dinamiza o relato e sustenta o ritmo interno de cada episódio; os personagens, quase sempre insubstituíveis, articulam o pensamento do filme e dão corpo às ideias. Encontrá-los é também encontrar um modo de estar com o outro: mais do que entrevistados, eles são companheiros de percurso.

A entrevista, então, não é um interrogatório, mas um diálogo em espiral. Aprendi com Guzmán (2017) que jamais se deve tocar o ponto central nas primeiras perguntas: é preciso avançar aos poucos, começar pela infância, pelo ambiente doméstico, até que o tempo do afeto abra espaço para o tempo do conflito. Essa ética da escuta se traduz também na postura da equipe. Como observa o autor, o entrevistado percebe tudo: a tensão entre os técnicos, o cansaço, o tom das vozes. Uma equipe sem tato destrói a confiança; uma equipe atenta cria espaço para o testemunho verdadeiro.

Seguindo os conceitos de Puccini (2012), o roteiro de “*Quando Elas Recebem Flores?*” articula-se como um audiovisual híbrido, combinando registros do real e momentos de ficção. Resulta-se em uma narrativa plural, sensível e aberta a improvisações. Como destaca o autor:

(...) o discurso do filme documentário tem por característica sustentar-se por ocorrências do real. Trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido, como no caso do discurso narrativo ficcional. (PUCCINI, 2012, p.25).

No entanto, a série não se limita à observação do cotidiano. Ao incorporar momentos de ficção, a narrativa eleva certas experiências para o surreal, aproximando o espectador de dimensões subjetivas e poéticas da vida trans. Essa estratégia reforça a possibilidade de representar afetos, corpos e biomas de maneira simbólica e sensorial.

a primeira diferença entre documentário e ficção está na maneira distinta pela qual os dois gêneros tratam o tempo presente... No cinema de ficção, não existe esse presente da encenação; esse 'presente' é fabricado por elementos que criam uma relação de continuidade entre vários momentos de uma mesma encenação (PUCCINI, 2012, p.47)

O trabalho de roteiro para a série utilizou diversos procedimentos recomendados por Puccini (2012). O tratamento do curta foi concebido como um mapa de orientação para a produção, permitindo flexibilidade diante de acontecimentos inesperados ou espontâneos durante as filmagens

(...) parte do processo de planificação do documentário vem a ser o tratamento, que desenvolve a ideia do filme de maneira bastante abrangente, mas também com bastante flexibilidade para permitir eventuais mudanças, intervenções do acaso e lampejos ocasionais de criatividade. (Puccini, 2012, p. 127)

No caso da obra, essa concepção traduziu-se na adaptação de sequências de entrevistas, registros de cotidiano e cenas poéticas, ajustadas ao ritmo e as necessidades das personagens e agora se aplicará na série.

Puccini (2012) diferencia eventos autônomos e integrados, conceito central para documentários que lidam com realidades imprevisíveis.

Por eventos autônomos entendemos todo e qualquer evento que ocorra de forma independente da vontade de produção do filme... Os eventos integrados, por sua vez, são aqueles que ocorrem por força da produção do filme, são organizados e integrados ao filme. (Puccini, 2012, p. 61)

Na série, os eventos autônomos incluem manifestações cotidianas, interações espontâneas e cenas captadas em espaços urbanos e naturais; já eventos integrados, compreendem entrevistas, dramatizações e sequências poéticas cuidadosamente planejadas. A seguinte distinção permite que a narrativa mantenha autenticidade documental ao mesmo tempo que explora recursos estéticos e dramáticos.

Outro ponto destacado por Puccini (2012) é a progressão narrativa, que pode ser cronológica ou por conflito. O autor significa o ponto enquanto aquilo que "(...) satisfaz nossa curiosidade natural de querer saber o que está para acontecer. A progressão por conflito faz com que o espectador se interesse mais pela resolução do conflito do que pela mudança do personagem" (Puccini, 2012, p. 71). A série irá combinar essas duas abordagens: os episódios acompanham a vida cotidiana das personagens de forma linear, mas também estruturam conflitos internos, familiares e sociais que geram tensão narrativa e engajamento emocional.

O tratamento sonoro e visual é igualmente planejado, em consonância com as orientações do autor. Puccini (2022) observa que o som pode ser obtido por múltiplos procedimentos: som direto, som de arquivo, voz over, efeitos e trilha musical, cada um com função específica no fortalecimento do discurso. Na obra, sons do cotidiano, trilha musical original e efeitos sonoros dialogam com o espaço natural e urbano das personagens, reforçando a conexão corpo-bioma, essa escolha busca evidenciar a tensão entre os sons da natureza e da cidade, ampliando a

dimensão poética do documentário e contrastando a percepção das personagens e do espectador.

Durante o período de pós-produção do curta documental “*Quando Elas Recebem Flores?*”, adicionei uma canção de Liniker na narrativa. Trata-se de uma música essencial para o filme. Assim como o curta, a música é um mergulho no imaginário da afetividade possível e impossível para corpos trans e marginalizados. A canção, como trilha do curta, constitui uma inserção certa: elabora um pensamento profundo sobre as identidades dissidentes e suas relações interpessoais e sociais dentro de uma sociedade que impõe fronteiras delimitantes nos afetos. Além disso, seus elementos melódicos enriquecem o desenrolar da montagem, que acompanha as rotinas das personagens com a voz e a letra exuberantes de Liniker, estabelecendo um diálogo afetivo e simbólico entre música e imagem.

Nesta nova etapa, continuaremos trabalhando com artistas trans. Um dos personagens do segundo episódio, Mika Kaliandrea, artista indígena andino, cantor, compositor e DJ transmasculino, irá colaborar na construção da trilha sonora da série com suas próprias composições.

Por fim, a série reflete a ideia de Puccini (2012) de que o documentário é maleável, mas estruturado. Ao combinar elementos documentais e ficcionais, respeitar os eventos autônomos e integrados, adotar uma progressão narrativa estratégica, entrevistas e um tratamento sonoro e visual detalhado, “*Quando Elas Recebem Flores?*” constrói uma narrativa híbrida capaz de capturar tanto o real vivido quanto a experiência subjetiva e simbólica das personagens, ampliando o potencial de engajamento afetivo e político com o espectador.

3.2 *Character Driven*, personagens que guiam o real: o íntimo como dramaturgia e memória como futuro

A série “*Quando Elas Recebem Flores?*” se estrutura como uma narrativa *character driven*, ou seja, conduzida pela força dos personagens suas vivências, contradições e afetos. Nesse tipo de construção, o que move a trama não é a linearidade dos acontecimentos, será a profundidade do olhar sobre as pessoas. Cada episódio nasce do corpo e da experiência de quem vive, pensa e resiste,

sendo a partir das personagens apresentadas que o enredo se desenha, sem impor uma lógica externa. O foco desloca-se do evento para o sujeito, permitindo que o cotidiano, o silêncio e o gesto tornem-se motores narrativos.

Essa escolha estética e política propõe uma inversão: não é a câmera que enquadra o personagem, mas o personagem que molda o olhar da câmera. Ao adotar um modelo *character driven*, a série reconhece que as existências trans e travestis múltiplas, complexas e plurais não cabem em roteiros pré-definidos. Cada episódio concentra-se em um grupo específico: travestis, transmasculinos, pessoas não binárias, usuários e não usuários de hormônio, gerações mais velhas e crianças trans, misturas de identidades e espiritualidades. Revela o modo como o sujeito é o verdadeiro eixo de sentido da narrativa. Assim, o documentário se torna um espaço de escuta e de invenção do real, onde cada corpo cria sua própria dramaturgia.

Portanto, o processo de desenvolvimento do projeto se deu por uma pesquisa de personagem, em associação com o enredo que eu gostaria para cada episódio. A partir disso, entrei em contato, pessoalmente com lideranças (Comunidades Ballroom, ONG Minha Criança Trans, representantes da FONATRANS), militantes, artistas e também pela internet, buscando materiais de possíveis personagens. Este processo foi realizado entre os meses de setembro e novembro de 2025. Os personagens como, Zuri Moura, Castiel Vitorino Brasileiro, Serena Vinicíus, Mika Kaliandrea, Brian, Gustavo, Lua, Natan e Theo Toledo, realizei entrevistas e mandei mensagens por redes sociais ou e-mail, enquanto que Miguel Afonso da Costa Pontes, Lucas William Santos Siqueira, Jupiter Wieczorek, Denu, Tiana, Eduardo Barbosa, Adriana Nogueira e Mikaella Lima, foram personagens os quais tentei contato mas não obtive retorno pelas redes sociais ou e-mail, a partir disso optei por trabalhar com as informações que já estavam públicas em matérias ou redes sociais, (uma vez que o projeto criativo de roteiro venha a ter o início da sua produção irei buscar estas pessoas para verificar o interesse para participar do projeto)

A escolha pelo *character driven*, em uma abordagem de escuta e invenção, dialoga com a urgência dos dados e realidades que atravessam as existências trans no Brasil. Segundo a ANTRA (2024), 70% das pessoas trans não concluíram o ensino médio e apenas 0,2% estão no ensino superior. Apesar de avanços recentes, como a implementação de cotas para pessoas trans em algumas universidades federais entre elas a UFSB, UFABC, UFBA, UFSC, Unifesp, UFF e UNICAMP, ainda

há uma ausência de políticas estruturantes que garantam a permanência e o bem-estar dessas pessoas em todos os níveis educacionais. A desigualdade se aprofunda quando observamos o recorte de gênero: travestis e mulheres trans são as mais vulnerabilizadas no ambiente escolar, muitas vezes submetidas a violências simbólicas e exclusões baseadas em valores morais machistas (NUH/DAA, UFMG, 2015; TransVer o Mundo, 2022).

Ao propor uma narrativa centrada nessas subjetividades, a série se coloca como gesto de reparação simbólica: na ausência de dados, o cinema escuta; na presença do silêncio, a imagem fala. Essa escuta também ecoa o trabalho de associações como a APTA, que denuncia a ausência de dados oficiais sobre profissionais trans no audiovisual brasileiro e reivindica a municipalização de recursos e a criação de *film commissions* inclusivas. Segundo pesquisa interna da associação, 30% de profissionais trans não conseguem passar em editais, 20% acreditam que esses editais não são feitos para eles e 8% relataram episódios diretos de transfobia em processos seletivos. Como afirma Dornelles (TelaViva, 2024), “(...) o cinema também é responsável pelo nosso extermínio. Quando um filme não tem nenhum personagem trans, significa que naquele universo todos os trans já morreram”.

Do mesmo modo, organizações como a ONG Minha Criança Trans que atua com mais de 400 famílias em todo o Brasil vêm reforçando a importância de políticas de acolhimento e diálogo com as redes de ensino, compreendendo que não se acolhe uma criança trans sem acolher sua família. Ao dedicar um episódio inteiro às infâncias e às relações familiares, “*Quando Elas Recebem Flores?*” transforma essa pauta em imagem, memória e gesto político.

A escolha por personagens que conduzem o real é, portanto, uma forma de redistribuir o poder perante o ato de narrar. O documentário torna-se o espaço onde corpos antes marginalizados assumem o centro da cena, ao reescreverem o próprio cinema brasileiro. Em diálogo com dados da pesquisa do Instituto Geena Davis (2016), que aponta que 75% das pessoas acreditam que o cinema e a TV influenciam opiniões e comportamentos, a série reconhece a potência simbólica da representação. Se uma em cada quatro mulheres brasileiras afirma ter saído de uma relação violenta após se inspirar em personagens femininas fortes, é possível imaginar o impacto de ver personagens trans conduzindo suas próprias histórias com seus amores, crenças, contradições e flores.

E é justamente a partir dessa condição em que a vida molda a ficção e a presença cria o roteiro que se abre o próximo movimento desta reflexão: pensar o poder político e afetivo da representação. Se o *character driven* funda a estrutura da série, é a memória coletiva que a sustenta. O que essas personagens nos entregam não é apenas drama, mas também a chance de lembrar, de reinscrever o corpo trans na história do audiovisual brasileiro.

Pensar a produção de memória no audiovisual é reconhecer o cinema como uma tecnologia de transmissão de saberes. As imagens não apenas representam o passado, há o ensinamento de modos de lembrar. Conforme sugere Paula Rodríguez Marino (2011), a memória fílmica é sempre uma construção que se dá através de uma negociação entre o vivido e o visível. No caso da série, essa negociação se dá por meio da escuta e da presença, o ato de filmar torna-se também um ato de aprender com o outro.

A autora Maria Clara Araújo dos Passos, em *Pedagogias das Travestilidades* (2022), propõe que os corpos travestis e trans carregam pedagogias próprias: modos de ensinar que emergem da experiência, da resistência e da sensibilidade. Suas escritas deslocam o centro epistemológico da pedagogia tradicional, colocando a vida como lugar legítimo de produção de conhecimento. A pedagogia travesti é uma pedagogia do gesto, da performance, da escuta, e, sobretudo, da memória - porque cada travesti desafia o esquecimento ao narrar a si mesma.

A perspectiva descrita aproxima o cinema de pessoas trans enquanto ato de criação de saber. O *set*, a câmera, a fala e o corpo tornam-se espaços de experimentação e aprendizagem mútua. Não se trata apenas de representar, mas de inscrever experiências vivas em um campo simbólico que historicamente as negou. O processo de criação audiovisual, nesse sentido, opera como uma pedagogia expandida, uma pedagogia da imagem, da escuta e da presença. À frente vamos explicitar isso um pouco mais.

O autor Cássio dos Santos Tomaim (2016) observa que o documentário funciona como “mídia de memória”, na medida em que reconecta o espectador a afetos e fragmentos de história que não encontram lugar nos arquivos oficiais. A série se alinha a essa noção ao trabalhar com fragmentos de lembranças, imagens íntimas e reencontros, transformando a ação de lembrar em matéria estética. O cinema aqui é o meio que costura a ausência, que dá corpo ao que não foi arquivado.

A pedagogia das travestilidades, como fórmula Araújo dos Passos (2022), amplia essa potência: ensina que lembrar é também uma forma de existir politicamente. Cada fala travesti é uma lição de mundo, uma inscrição de vida no tempo, um exercício de reterritorialização simbólica. Nesse gesto, a memória não é estática; torna-se movimento, corpo e continuidade.

Dessa forma, “*Quando Elas Recebem Flores?*” articula cinema, memória e pedagogia como práticas inseparáveis. As imagens não apenas resgatam o que foi perdido, mas criam novos modos de transmissão, onde a experiência trans se transforma em linguagem, método e legado. A produção de memória, aqui, é também produção de futuro, um futuro que se constrói na partilha dos saberes e na permanência das vozes que antes não eram ouvidas. A articulação efetiva de cinema, memória e pedagogia será examinada nas estratégias de abordagem em cada sinopse dos episódios desenvolvimento do roteiro.

### 3.3 Corpo-bioma, corpo-território e travestilidade como ecossistema

Pensar o corpo trans e travesti exige desviar do olhar que o reduz à superfície a ser corrigida, medicalizada ou assimilada. A provocação de Rafaela Kennedy (artista, amazonense, vice-presidenta do TRANSmoras), ao falar de travestilidade enquanto ecossistema, abre um caminho fértil. Entende esses corpos não como desvios, mas como biomas vivos, territórios em disputa que pulsam fluxos, memórias e resistências. A lógica da artista é atravessada na série “*Quando Elas Recebem Flores?*”, que enraíza cada personagem em espaços que não são apenas cenários, mas extensões de suas existências. O audiovisual, nessa proposta, não cria uma separação entre corpo e território: cada corpo é território, cada território é corpo.

A partir disso busquei me aprofundar com Rafaela durante uma entrevista<sup>6</sup> sobre sua trajetória e referências do seu processo artístico. Ela comenta sobre a importância do coletivo TRANSmoras na sua trajetória, tanto pela sobrevivência quanto pelos desenrolares em sua carreira, ela comenta que começou a pensar sobre o Corpo-bioma através da Vicenta Perrotta, fundadora e presidenta do Ateliê. Em suas reuniões, Vicenta comentava sobre o processo do lixo, pois ela trabalhava com descarte, e a partir disso ela começou a dialogar entre o lixo e a relação da travesti com a sociedade: “O descarte o corpo que é descartado”, Rafaela comenta:

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada pelo Google Meet em 28 de outubro de 2025.

“Quando alguém tá dentro de uma casa pega o lixo e joga para fora da casa ela nao ta jogando fora, ela ta jogando dentro do meio ambiente, não existe dentro nem fora, tudo é meio ambiente, para Vicenta, cuidar do meio ambiente também é cuidar do que tá dentro da nossa casa. Quando nós quando pessoas trans somos postas para fora de casa como um processo de descarte, isso é um reflexo do que as pessoas entendem, como esse descarte como se tivesse pondo pra fora, mas quando a gente tá sendo colocada para fora de casa a gente tá sendo jogada no meio ambiente, no mundo, a gente vai aprender com a rua, com a travestilidade, nossa transcestralidade foi criada na rua, acaba que a gente vai se reciclando dentro desse processo de descarte, e se refazendo dentro dessa esfera”. (RAFAELA KENNEDY. Entrevista documental. 2025)

Com isso o processo da artista começou a criar uma correlação com o próprio corpo, sendo uma pessoa amazonense em migração, que em concomitância existia sim uma dificuldade em se reconhecer enquanto uma pessoa indígena, por conta de processos de apagamento da colonização. Sendo assim ela definiu uma correlação entre as travestilidades e corpos indígenas, entendendo que ambos os corpos estão sendo apagados diariamente, ela fala sobre uma disputa territorial:

“Quando eu olho para as populações indígenas existe uma disputa epistêmica sobre como essas pessoas enxergam a vida e como elas desejam proteger o território, e ali é o território físico e o território especial, já no nosso caso é um território físico que é o único território que a gente tem autonomia, que é o momento que a gente decide ser travesti. Nisso eu voltei no que a Vicenta trouxe pra mim e falei, nossa ai tem um cruzo, porque pensar meio ambiente, também é pensar travestilidade, pensar na proteção da travestilidade também é pensar na proteção do meio ambiente” (RAFAELA KENNEDY. Entrevista documental. 2025)

A teoria se fortalece quando Kenedy se debruça nas teorias de Brigitte Baptiste, uma travesti colombiana pesquisadora bióloga, ecologista, conhecida por seu trabalho em biodiversidade, sustentabilidade e questões de gênero. Dialoga sobre a relação entre travestilidade e natureza, resultando em um documentário chamado “*BRIGITTE BAPTISTE, PLANETA B*”, o qual ela conta sobre sua trajetória e explora sobre a construção de identidade sexual de gênero entre os seres humanos e a biodiversidade, como se constrói essa identidade entre as pessoas e as demais espécies. Por meio de sua pesquisa com a Ecologia Queer, ela nos mostra que as vezes o que as pessoas acham que não é natural, na verdade é apenas uma “solução” bem feita da natureza.

Na filosofia fenomenológica, Maurice Merleau-Ponty (1999) recusa a cisão rígida entre corpo e mundo. Para ele, a natureza não é objeto exterior a ser

dominado, mas o solo originário do qual fazemos parte. O corpo, nesse horizonte, é quiasma: entrelaçamento de percepções, abertura sensível ao outro. Essa noção desloca a visão objetificante do corpo trans/travesti, visto historicamente pela mídia como espetáculo ou aberração, para um corpo que é, ele mesmo, mundo e passagem.

As teorias decoloniais ajudam a compreender por que esses corpos são alvo de disputa. Para Aníbal Quijano (2005), a colonialidade do poder organiza hierarquias de gênero, raça e sexualidade como parte de um mesmo processo de dominação. Michel Foucault (1979), por sua vez, lembra que o corpo é alvo de disciplina e controle, mas também campo de resistência. Os feminismos comunitários latino-americanos, como afirma Julieta Paredes (2010), sustentam que o primeiro território de luta é o nosso corpo. Assim, corpos trans e travestis aparecem como territórios em permanente disputa, marcados por violência, mas igualmente portadores de potências coletivas e insurgentes.

As formulações de Katz & Greiner (2001) sobre o *corpo-mídia* oferecem uma chave complementar: o corpo não é recipiente isolado, mas atravessado por fluxos, trocas e contaminações com o ambiente. Transsexualidade, nesse sentido, não é essência fixa, mas está em fluxo: um ecossistema em constante reinvenção. Esse entendimento rompe com a cisnorma que enxerga corpos trans apenas na chave da falta, da incompletude ou da disforia, propondo em seu lugar uma leitura vitalista e processual.

É nesse ponto que a imagem de Rafa Kennedy ganha força. A transsexualidade enquanto ecossistema desarruma o imaginário cis-heteronormativo e colonial. Não se trata de uma identidade estática, mas de um campo de vida que resiste ao extrativismo simbólico, quando a mídia consome nossas imagens apenas como fetiche, espetáculo ou violência material que marca o cotidiano trans no Brasil. Em “*Quando Elas Recebem Flores?*”, essa chave se traduz na construção de personagens que não cabem em arquétipos simplistas; esses aparecem como corpos-biomas, conectadas à terra, à cidade, à memória e à espiritualidade. A série, assim, propõe uma contra-narrativa audiovisual: não corpos como metáforas vazias ou mercadorias, mas como ecossistemas férteis de vida.

Pensar no corpo-bioma não é apenas gesto poético, resulta em um posicionamento político. Significa afirmar que esses corpos não existem à margem, mas constituem a própria ecologia dos mundos, produtores de sentidos, redes e

futuros. A transsexualidade, como ecossistema, desloca o olhar da patologia e da marginalização para a potência de criar mundos. Ao reinscrever essas corporalidades em paisagens, afetos e espiritualidades, o audiovisual torna-se campo de disputa de imaginários. Nesse movimento, a ética amorosa (hooks, 2000), o corpo-território (Paredes, 2010) e o corpo-bioma (Kennedy, 2019) se encontram: não apenas como conceitos, mas como práticas de existência e resistência.

“Naturalizar nossa beleza, nossa travestilidade, a transmasculinidade também, não binariedade, enfim, dizer que nosso corpo também é natureza, nós somos parte de algo que não cabe em uma perspectiva ocidental, que não cabe em uma estrutura dominante. O nosso corpo é indomável, e é por isso que as pessoas tem medo, e elas não deveriam ter medo.” - Rafa Kennedy (Artistas: acreditem na sua loucura” (RAFAELA KENNEDY. Entrevista documental. 2025)

### 3.4 Amor, Afetos e Espiritualidade

Para hooks (2020), o amor real envolve crescimento espiritual do indivíduo e do próximo, permeando todos os relacionamentos humanos desde a infância. Contudo, práticas afetivas são moldadas, muitas vezes de maneira distorcida, no núcleo familiar. A autora observa:

Recebia o que estava acostumada a receber – carinho e afeição, geralmente misturados com algum grau de grosseria, negligência e, em algumas ocasiões, franca crueldade (hooks, 2020, p. 52).

E isso acaba sendo presente dentro de vivências trans. A socialização precária produz uma noção deformada de amor, em que violência e negligência coexistem com excesso de sentimentalismo, criando barreiras para relações autênticas. Meninos são ensinados a não chorar, a mascarar sentimentos de mágoa, solidão ou dor; na pior das hipóteses, aprendem a nunca sentir nada (hooks, 2020, p. 80). Essa repressão impacta homens transmasculinos de maneira direta, que muitas vezes internalizam a necessidade de negar qualquer traço de feminilidade, reproduzindo uma masculinidade cisgênera imposta socialmente, enquanto escondem partes importantes de sua identidade.

“Aquela figura da mãe ela pode ser várias figuras, porque infelizmente a gente acaba não tendo esse lugar de segurança dentro da nossa família, ali da onde a gente nasce e vem, e acaba encontrando isso na rua, acaba encontrando isso em coletividades, acaba encontrando isso no terreiro, acaba encontrando em uma BallRoom.” (RAFAELA KENNEDY. Entrevista documental. 2025)

No contexto da cultura capitalista, hooks (2020) descreve a lógica da

ganância e da satisfação imediata como obstáculos para o amor verdadeiro. De tal maneira que se conecta diretamente às experiências de pessoas trans na mídia: corpos trans foram historicamente hipersexualizados, fetichizados e mercantilizados, apresentados como objetos de consumo e não como sujeitos de afeto. Filmes, séries e produções pornográficas ensinaram o público a olhar para pessoas trans como produtos desejáveis ou descartáveis, reforçando o senso de que nossos corpos só têm valor se cumprirem expectativas externas. Essa mercantilização impacta a maneira como pessoas trans sentem e se percebem, internalizando que o afeto e a dignidade de seus corpos são dependentes da aprovação ou do consumo alheio.

No quinto capítulo de *“Tudo sobre o amor”*, bell hooks (2000) destaca que a espiritualidade e os exercícios de auto-ajuda muitas vezes privilegiam a individualidade, colocando o crescimento e o amor como tarefas exclusivamente pessoais. Contudo, a autora enfatiza que o amor só floresce plenamente quando se manifesta nas práticas coletivas, nos vínculos compartilhados e no cuidado mútuo. Essa reflexão dialoga diretamente com minha experiência pessoal no Candomblé, religião que sigo e que me acolheu como mulher trans.

No Candomblé, o amor e a espiritualidade se materializam no coletivo, na percepção de que a existência de cada indivíduo fortalece a comunidade inteira. A tradição ancestral africana, com seus rituais e princípios de cuidado, compreende que a identidade de gênero não limita o compromisso espiritual: o Orixá sabe quem você é independentemente de roupas, aparência ou corpo. Essa filosofia permite que pessoas trans encontrem acolhimento, pertencimento e protagonismo, mesmo em contextos de opressão social e religiosa, em alguns episódios vamos acompanhar alguns personagens que vivem no axé, inclusive eu e a própria Rafaela Kenedy passamos por períodos com a espiritualidade que foram muito significativos para nossa transição e processo artístico.

A transfobia estrutural, infelizmente, também se reflete em alguns espaços religiosos, em que padrões rígidos de gênero ainda podem restringir a participação plena de pessoas trans. No entanto, a ancestralidade e fluidez do Candomblé, com sua capacidade de regeneração e adaptação, possibilitam que casas de axé compreendam a importância da diversidade e da pluralidade. O axé cresce com a soma de todos os filhos, filhas e filhas de santo, evidenciando que a força espiritual é proporcional à inclusão e ao respeito pelas trajetórias individuais.

Além disso, o Candomblé estabelece uma profunda conexão com a natureza. Os Orixás são manifestações das forças naturais: Oxum representa as águas doces, Iemanjá o mar, Xangô os trovões, Ogum o ferro e a guerra, entre outros. Cada elemento natural é reverenciado, e os rituais buscam harmonizar o ser humano com o cosmos. Essa relação com o mundo natural é intrínseca à prática religiosa, reforçando que a espiritualidade não é apenas uma experiência interna, mas também uma vivência com o entorno, o que dialoga com o corpo bioma território.

Exu, o primeiro Orixá cultuado, é o senhor dos caminhos, da comunicação e da transformação. Ele é o intermediário entre o humano e o divino, abrindo os caminhos para as oferendas e garantindo que as mensagens cheguem aos Orixás. Exu simboliza escolha, movimento e adaptação constante, elementos presentes também nos trajetos de vida e na construção da identidade das pessoas trans.

A escritora bell hooks (2020) nos lembra que o amor é prática espiritual que se expande para além do indivíduo, florescendo no cuidado coletivo e na interdependência. No Candomblé, essa mesma filosofia se manifesta na vivência do axé, na conexão com os Orixás e na harmonia com os elementos da natureza. A obra *“Quando Elas Recebem Flores?”* traduz essa ideia para a tela: corpos trans, afetos e territórios se entrelaçam, celebrando o coletivo, a diversidade e a espiritualidade. Assim, o amor e a presença plena não são apenas sentimento, mas gesto, prática e resistência, uma espiritualidade encarnada que pulsa no encontro entre indivíduo, comunidade e mundo natural.

## 4. STORYLINE E SINOPSE

### 4.1 STORYLINE

Entre cotidianos atravessados por afetos, trabalhos, crenças e sonhos, pessoas trans e travestis de diferentes regiões do Brasil compartilham suas vivências até serem convocadas pelo território para um encontro que revela a força da natureza.

### 4.2 SINOPSE

“*Quando Elas Recebem Flores?*” é uma série documental com momentos de ficção que acompanha o cotidiano de pessoas trans e travestis em diferentes biomas do Brasil. Em cada episódio, três personagens de um mesmo território, embora vindas de estados distintos, compartilham suas vidas: o estudo, o trabalho, a fé, as relações familiares e amorosas, os pequenos rituais que compõem o dia a dia. Essas vivências singulares, quando justapostas, evidenciam tanto a diversidade quanto os pontos de conexão de uma comunidade plural. Ao final de cada episódio, as personagens se encontram em um espaço surreal convocado pelo bioma, onde corpo e natureza se entrelaçam, revelando a potência da transsexualidade como ecossistema e gesto coletivo.

A série propõe celebrar a beleza, a criatividade e a força das pessoas trans, questionando os estereótipos que historicamente marcaram suas representações no audiovisual. Com linguagem poética e consciência metalinguística, “*Quando Elas Recebem Flores?*” convida o público a refletir sobre como se constroem as imagens e a imaginar futuros possíveis. Ao entrelaçar cotidiano e ficção, realismo e magia, a obra se torna um respiro e uma afirmação: corpos trans não cabem em moldes, eles florescem em territórios próprios, sempre em expansão.

### 4.3 SINOPSE EP 1 MATA ATLÂNTICA

“*As Flores Que Nascem No Atlântico*” é um episódio que acompanha a trajetória de três travestis ao redor do bioma da mata atlântica. Percorrem espaços como Rio de Janeiro, Foz do Iguaçu e Espírito Santo. Neste episódio o cotidiano de Zuri, Serena e Castiel se entrelaçam entre trabalho, arte e espiritualidade, onde cada corpo conta uma história única, mas coletiva. Zuri, vinda do interior do Rio de Janeiro, atualmente mora em Niterói. Estudante da UFF, precursora das cotas trans da UFF, negra e oriunda da periferia, faz da própria história um instrumento para

abrir caminhos e provocar transformações estruturais. Na cultura, atua como líder da Casa de Ewá, um dos núcleos da cena *ballroom* brasileira, onde transforma a arte em gesto político e a performance em forma de resistência. Castiel, travesti preta e mestra em psicologia pela USP, vive no Espírito Santo. Leva sua arte para outros lugares do Brasil. Através da psicanálise e da espiritualidade, ela cria obras únicas que aprofundam a natureza humana. Serena em Foz do Iguaçu, vinda do interior de São Paulo, estudante da UNILA, atriz, diretora e pesquisadora, ela percorre pelo cinema criando histórias inspiradoras e cheias de significados.

Juntas, estas três mulheres percorrem o episódio amando, criando, trabalhando e mostrando como a natureza pode ser, não só objeto de estudo e preservação, mas, fonte de amor e prosperidade, para quem sabe sentir e escutar de verdade, a natureza se torna parte si.

#### 4.4 SINOPSE EP 2 AMAZÔNIA

“*A Resistência da Amazônia que Ultrapassa Fronteiras*” é um episódio que acompanha a trajetória de três homens trans. Miguel, primeiro homem trans a se formar em Enfermagem no Instituto de Saúde e Biotecnologia da UFAM, vive no interior do Amazonas e atua como analista clínico, levando cuidado e escuta para comunidades remotas. Seu percurso reflete a luta por reconhecimento e o desafio de exercer a profissão em um contexto onde a presença trans ainda é rara. Mika, um artista visual e músico que nasceu entre fronteiras, filho de pai peruano e mãe mineira, hoje vive em São Paulo, onde segue uma trajetória marcada pela migração, arte e pela busca de pertencimento. Suas composições mesclam brasilidades e influências andinas, criando pontes entre a Amazônia e o urbano, entre o sagrado e o político. Já Lucas, escritor e professor de Belterra, encontra na palavra uma forma de existir e resistir, ao transformar vivências em literatura, ele reconfigura a presença transmasculina na Amazônia e nas universidades do Norte.

Este episódio constrói um retrato íntimo e plural de masculinidades trans revelando como cada um desses homens estabelece sua própria relação com o território, com o afeto e com a ideia de futuro. Entre o enraizamento e a migração, o episódio reflete sobre pertencimento, cuidado e sobrevivência, mostrando que a arte, saúde e pedagogia têm muito mais em comum do que imaginam

#### 4.5 SINOPSE EP 3 PAMPA

“*As Planícies do Pampa Que Crescem no Amor*” é um episódio que vamos acompanhar a vida de três pessoas não-binárias, que nos mostram como é florescer em solo fértil e coberto por pastagens naturais. Júpiter, um professor de biologia em Viamão, ensina que a vida é feita de mutações, na natureza e nos corpos. Professor do oitavo e nono ano, palestrante de história e direitos LGBTQ+, nunca imaginou que poderia ser feliz onde nasceu, mas agora constrói novos futuros e sonhos. Denu, artista digital de Porto Alegre, transforma a solidão em imagens em movimento. Sua arte, exposta ao redor do mundo, é refúgio e renascimento, ganhador de prêmios através de suas criações em arte digital e 3D, por meio de conhecimentos em animação, *video-making*, *design* e síntese sonora, nos leva para conhecer seu universo. Brian, cozinheiro e filho de terreiro, mistura temperos, memórias e liberdade, depois de romper com as amarras religiosas da infância, encontrou na cultura *Ballroom* o espelho de sua própria luz. Hoje, cultiva o amor ao lado de sua parceira trans, cozinhando o futuro em segredo, planejando o pedido de casamento.

A partir dessas histórias iremos nos aprofundar nesse bioma do Pampa por vastas planícies, campos e corpos abertos, com horizontes e sonhos largos, colinas suaves e uma sensação infinita de amor. As gramíneas e ervas rasteiras predominam, criando o visual típico dos “campos sulinos”.

#### 4.6 SINOPSE EP 4 CERRADO

No episódio “*As Sementes do Cerrado que Transformam o Futuro*”, vamos acompanhar a vida de três pessoas trans mais velha. Assim como as plantas do cerrado possuem órgãos subterrâneos de resistência, os xilopódios e bulbos, que armazenam nutrientes e permitem que a planta rebrote após períodos de seca, estes personagens também vão armazenar muita força e seguir brotando mesmo após tanto desgaste. Tiana, travesti negra, tem noventa e dois anos, moradora de Governador Valadares (MG). Seu nome é em homenagem a São Sebastião a quem ela é devota. Reconhecida pelo *Guinness Book* como a mulher trans mais velha do mundo, Tiana rompe estatísticas e se transforma em símbolo de resistência e permanência. Profundamente religiosa, Tiana costuma dizer que conquistou tudo sozinha, com fé e trabalho, um testemunho vivo de uma geração que resistiu para que outras pudessem florescer. Eduardo Barbosa, homem trans nascido em Abre

Campos (MG), em vinte e sete de abril de mil novecentos e trinta e cinco, é possivelmente um dos homens trans mais velhos vivos do Brasil. Aos noventa anos, sua existência é, por si só, um ato de memória e permanência. A serenidade de Eduardo carrega o peso e a leveza de quem atravessou o século. Sua presença é o registro vivo de uma sabedoria que não se lê, mas se sente. Uma vida que ensina que existir, em si, já é um gesto político. Aos setenta e quatro anos, Suham Torres é uma mulher trans cuja trajetória se desenha entre dança, pintura e resistência. Desde dois mil e dezessete, integra o grupo *Transhow* e a *Companhia de Dança Mandalla*, onde expressa sua arte em coreografias de dança cigana e flamenca. Além do corpo em movimento, Suham também traduz emoções em cor e traço, é pintora, especializada em retratos, capturando em rostos o brilho e a história de quem viveu intensamente. É nesse ponto do mapa e do tempo que sua presença se entrelaça com a criança trans da Caatinga, numa passagem quase mítica: duas gerações unidas pela força de continuar sendo.”

Entre o calor da terra e a brisa que anuncia a chuva, essas três trajetórias se entrelaçam como raízes antigas que sustentam o florescer de novas gerações. “*As Sementes do Cerrado que Transformam o Futuro*” é um testemunho sobre memória, corpo e renascimento, sobre como, mesmo diante do fogo e da seca, sempre haverá vida pulsando sob a terra, pronta para brotar outra vez.

#### 4.7 SINOPSE EP 5 CAATINGA

No episódio “*Os Ricos Frutos da Caatinga*”, vamos acompanhar três crianças trans, pelo bioma da Caatinga, que florescem em meio ao bioma mais singular e resiliente do país. A Caatinga, com sua paisagem seca e fértil, guarda frutos que alimentam a vida, umbu, caju, licuri, mandacaru e revela, em sua diversidade, o espelho dessas infâncias que insistem em crescer com doçura e força, mesmo tendo que se deslocar de sua terra para isso. Miguel, menino trans de onze anos, vive em São Paulo com o pai Raphael, homem trans de trinta e quatro anos. Juntos, compartilham nas redes o cotidiano de afeto e coragem que inspira outras famílias a acolherem seus filhos como são. Se mudaram da Bahia quando Miguel ainda era novo por conta do bullying e falta de tratamento adequado, agora com o sonho de ser ator, Miguel segue desenvolvendo suas habilidades. Lua, menina trans de dez anos do Rio Grande do Norte, divide o tempo entre o que a deixa feliz e leve: andar

de cavalo, trazendo garra e força; jogar futebol. Onde seu coração encontra conforto é cozinhar com a sua mãe. Criada por uma mãe cozinheira, que transformou o silêncio inicial em apoio e amor, Lua sonha em conhecer a cidade grande. Já Natan, menino trans de oito anos de Minas Gerais, cresceu entre tambores e rezas de terreiro. Amparado pela espiritualidade e pelo cuidado dos pais, vive sua infância com leveza e liberdade, aprendendo que ser é o bastante.

Entre o chão rachado e o verde que resiste, o episódio costura essas três histórias como frutos que amadurecem ao tempo e à vida. “*Os Ricos Frutos da Caatinga*” é um canto sobre o nascer, o crescer e o florescer, sobre a infância trans como potência, como semente que anuncia novos mundos possíveis.

#### 4.8 SINOPSE EP 6 PANTANAL

No episódio “*A Força Natural do Pantanal*”, vamos acompanhar a vida de três pessoas trans pelos esportes. Em um bioma que é a maior planície de inundação contínua do Planeta Terra, o que faz com que parte de sua fauna se refugie nas áreas mais altas, estes personagens não irão sair de seus espaços, mas sim conquistá-los e lutar por eles. Adriana Nogueira, jogadora de vôlei e futebol, não deixa a transfobia ser um empecilho para seguir os seus sonhos e continuar fazendo o que ama, na quadra sua força se destaca. Theo, transmasculino, é criador e coordenador Adj. do IBRAT. do Mato Grosso do Sul. Acompanhamos sua vida entre o esporte e a arte, quebrando estigmas e se fortalecendo na comunidade. Como primeiro homem trans a desfilar em uma *Ball*, e um dos co-criadores do *ArarasFut*, sua vida transita entre o campo e o palco. No amor, trancetrar de torna simbolismo de liberdade, após anos se relacionando com pessoas cis, hoje, vive feliz e preenchido. Mikaella Lima, mulher trans de quarenta e um anos, é a primeira a jogar na categoria de vôlei do Mato Grosso do Sul. Hoje é bacharel em educação física e subsecretária estadual, sua vida se divide entre o esporte e a política; um cruzo entre a luta por direitos e a força de realizar seus sonhos.

Esse episódio dá um mergulho na potência do corpo em movimento, corpos que, como as águas do bioma, avançam, recuam e voltam a se espalhar, transbordando vida. Entre bolas, redes e resistências, o episódio celebra o gesto político de permanecer e a beleza de seguir jogando.

## 5. ROTEIRO

QUANDO ELAS RECEBEM FLORES?

Série Documental Aurora Lima

## 1. EXT. DIA. NATUREZA - ABERTURA

Imagens de fauna e flora de todos os biomas do Brasil, frutos, flores, animais, paisagens com diferentes climas, chuva, sol.

Seguido de uma montagem alternada entre olhos, bocas, pés andando. Mostrando o cotidiano brasileiro.

Pessoas trans trabalhando. Se beijando, cozinhando, comendo diferentes comidas Brasileiras, imagens de velas acesas e atos de oração.

Música instrumental em uma crescente até aparecer um lettering escrito Quando Elas Recebem Flores?

## 2. EXT. DIA. MATA ATLÂNTICA - PAISAGEM

LOCUTORA (V.O.)

A Mata Atlântica é um dos Biomas mais ameaçados do mundo, ela abriga o maior número de espécies ameaçadas de extinção no Brasil. É lar de 72% dos Brasileiros e concentra 80% do PIB Nacional. Por conta do desmatamento e do abuso dos recursos hoje resta apenas 24% da floresta que existia originalmente.

Imagens de chuva na floresta, árvores altas, imagens de bromélias e orquídea molhadas, onça-pintada, o mico-leão-dourado, capivara, aves como o tucano e a arara, répteis como o jacaré-do-papo-amarelo e o teiú, e anfíbios como a rã-de-vidro.

Começa a aparecer parte das personagens vivendo seu cotidiano. As mãos de Serena segurando uma câmera. As mãos de Castiel segurando um pincel e chegando até a tela. As mãos de Zuri segurando um microfone. Montagem, olhos da onça, olhos das personagens.

## LOCUTORA (V.O.)

Mas apesar das dificuldades as espécies resistem, seguem crescendo e se destacando dentro do ecossistema.

**3. INT. DIA. REUNIÃO - RIO DE JANEIRO**

Montagem das patas da onça andando pela floresta, pisando em folhas, o som das folhas se mescla com o som dos pés de Zuri que está usando um salto, entrando em uma sala com outras pessoas.

Ela está usando sua guia do candomblé no pescoço, segura um microfone e está pronta para iniciar um debate.

Os rostos das pessoas atentas as falas de Zuri, algumas estão filmando ela pelo celular, a câmera percorre os elementos da sala.

**4. INT. DIA. ESTÚDIO - FOZ DO IGUAÇU**

Serena está dirigindo um set de filmagem, enquanto conversa com sua A.D perto da câmera do set. A equipe trabalhando em sua volta, produção, luz, arte. Nos aproximamos da direção de arte para ver o cenário sendo montado.

Serena olha a posição da câmera e conversa com o diretor de fotografia sobre o que gostaria com o plano fazendo movimentos com a mão.

**5. INT. DIA. ATELIÊ - ESPIRITO SANTO**

Castiel está pintando um quadro. O pincel vai ao copo de água para limpar a tinta, ela pega outra tinta com o pincel e continua pintando.

Filmamos todo o espaço do ateliê. Quadros prontos, cerâmicas em processo de criação, folhas de caderno escritas. Pela janela as árvores com as folhas se movimentando com o vento.

**6. EXT. DIA. ANIMAIS - ESPIRITO SANTO**

Um beija-flor de orelha violeta está em uma árvore batendo suas

asas e tomando o néctar de uma flor, suas asas começam a bater em câmera lenta.

CASTIEL (V.O.)

A Alma está longe de ser algo que está pronto, a alma ou o espírito ou o inconsciente ou uma pintura, é algo que se transforma.... por isso é alma... porque é sopro, (ela assopra) sopro transforma.

Sobe um Lettering na Tela escrito As Flores Que Nascem no Atlântico.

SERENA (V.O.)

E Ação!

#### **7. INT. DIA. ATELIÊ - ESPIRITO SANTO**

Castiel sentada em seu ateliê olhando para nós enquanto se prepara para responder as perguntas.

LOCUTORA (V.O.)

Qual o papel da natureza para a construção da Castiel?

CASTIEL

A natureza e a espiritualidade tem um papel fundamental na minha identidade, seja enquanto travesti ou artista..

#### **8. INT. DIA. ESTÚDIO - FOZ DO IGUAÇU**

O set está acontecendo, Serena atenta ao monitor enquanto a cena acontece. O cenário está lindo e colorido, os atores arrumados e dando suas falas sem som, pois o que escutamos é Castiel.

CASTIEL (V.O.)

.. minha tentativa com a arte é trazer essas experiências espirituais e com a natureza, para experiências artísticas.

A natureza é livre e com a arte precisamos abusar da liberdade de criar. Liberdade é estar em movimento.

**9. EXT. DIA. RUA - RIO DE JANEIRO**

Zuri sai da reunião no Rio de Janeiro. Entra em um carro para ir para casa em Niterói. O mar de fundo e a ponte Rio Niterói. Ônibus, carros, motos, pessoas correndo, movimento da cidade.

**10. INT. NOITE. ESTUDIO - FOZ DO IGUAÇU**

A.D

Foi dia!

Set termina, todos batem palmas e Serena abraça sua A.D. Desprodução se inicia, pessoas começam a passar com caixas, tripés na frente da Serena enquanto ela se senta em uma cadeira, fluxo de movimento.

**11. INT. NOITE. CASA - RIO DE JANEIRO**

Zuri já em sua casa se senta em uma cadeira. Começa a ser maquiada e arrumada para uma BallRoom. Algumas amigas envolta. Revelamos algumas partes das roupas, sorrisos e risadas. Uma das pessoas faz um pouco de vogue.

Depois de estar quase pronta ela toma um gole de uma bebida em uma taça e olha para a câmera para ser entrevistada.

LOCUTORA (V.O.)

Você acredita que é possível envelhecer com dignidade?

ZURI

Sim, (solta um sorriso), olha envolta... foi a gente que construiu isso.. hoje em dia podemos sim envelhecer com dignidade..

**12. INT. NOITE. CASA - SALA SERENA**

ZURI (V.O.)

... Mas não porque a sociedade "Mudou" ou porque temos mais leis, não, foi porque muitas das nossas questionaram e lutaram pelo seu lugar, pela nossa cultura... pelo nosso direito de viver em paz.

Serena está em sua casa, regando suas plantas. Acende um incenso. Faz um chá. Coloca uma música do Mika Kaliandrea para tocar e começa a cozinhar algo para comer.

A panela borbulha, a faca cortando legumes, deixa tudo cozinhando. Vai para o banheiro. Ela se olha no espelho solta o cabelo e se prepara para ir tomar banho

**13. INT. NOITE. CASA - ESPÍRITO SANTO**

Ainda tocando a música de Mika Kaliandrea de fundo, Castiel se olhando no espelho prende o cabelo, coloca sua guia e começa a se arrumar para ir ao terreiro.

Paredes de sua casa. Objetos, artes, fotografias. Castiel abre a porta de sua casa e sai, a porta fecha.

Música para.

**14. INT. NOITE. CASA - FOZ DO IGUAÇU**

Serena de cabelos molhados, coloca seu prato em uma mesa pois terminou de comer, agarra um copo de água e se senta em seu sofá

para ser entrevistada.

LOCUTORA (V.O.)

Quais novos desafios que surgiram com essa contemporaneidade? Apesar de termos alcançado mais espaço e voz.

SERENA

A "moda", a perda de autenticidade, sabe, parece que hoje em dia tudo virou trend, gênero, espiritualidade, arte, foi banalizado e colocado em lugares ainda maiores de padrões...Você é mais mulher por isso, mais artista por aquilo..

#### **15. INT. NOITE. TERREIRO - ESPÍRITO SANTO**

Castiel está chegando no terreiro, cumprimentando sua mãe de santo, pai de santo e seus irmãos. Começa a troca. Vai para a cozinha ajudar nos trabalhos.

SERENA (V.O.)

..Como se nossa fé pudesse ser medida sabe? Como se nosso corpo pudesse ser colocado dentro de um pote com código de barras e reconhecimento facial.

Parece que as pessoas esquecem que viemos da natureza, desse amor natural que é emanado pelo simples fato de estarmos vivas em movimento.

#### **16. EXT. DIA. ANIMAIS - MATA ATLÂNTICA**

Sons de pássaros, natureza, imagem do rosto da onça pintada de frente, em seu habitat, andando, com o pelo brilhoso ao sol.

#### 17. INT. NOITE. BALLROOM - RIO DE JANEIRO

Foco no rosto de Zuri chegando na BallRoom, sua roupa é revelada, ela entra cumprimentando as pessoas. Os jurados já estão nas mesas, os competidores das categorias começam a se preparar.

As pessoas estão animadas se divertindo, comemorando. Roupas. Brilho. Leque. Saltos. Maquiagens elaboradas.

A competição das categorias começa. Vogue, os competidores entram e fazem suas performance. Face, os COMPETIDORES entram e fazem suas performances. Acompanhamos Zuri enquanto ela desfila, sendo aclamada pelas pessoas, mas a competição cresce. Outra travesti entra em cena e começa uma disputa do GRAND PRIZE FACE OTA.

SERENA (V.O.)

O amor está em nós, na nossa comunidade, na família que a gente escolhe construir. Por muito tempo eu pensei que isso não era para mim porque eu esperava que viesse dos outros, quando na verdade estava em mim, sempre estive, essa força ancestral....

#### 18. INT. NOITE. TERREIRO - ESPÍRITO SANTO

CASTIEL (V.O.)

A umbanda existe pelo culto dos ancestrais, pelo culto da memória, pelo culto dos seus familiares, e para mim, estar nessa religião, estar nessa espiritualidade, estar nessas escolas, é uma possibilidade de se retirar do trauma brasileiro, que é o trauma do esquecimento. A gente tem memória, agora é

hora de construir um novo tempo

A gira começa, os exus fazendo suas orações e danças, todos de branco. A câmera passa pelas imagens. Janelas. Plantas do terreiro. Foco nos pés das pessoas dançando. Velas acesas, o fogo.

Música de terreiro, atabaque e ritos de umbanda, começa a cantar uma cantiga de EXU em crescente

(V.O.)

"Vinha, caminhando apé, para ver se encontrava a minha cigana de fé.

Vinha, caminhando apé, para ver se encontrava a minha cigana de fé.

Ela Parou, e leu minha mão, e disse a mais pura verdade, eu só queria saber quem é. Pombagira cigana de fé.."

#### 19. INT. NOITE. BALLROOM - RIO DE JANEIRO

A disputa continua, Zuri suando mas continua bonita, desfila pelo palco olhando as pessoas nos olhos, fazendo alguns movimentos de vogue, a outra travesti continua mais intensa, ambas se aproximam da mesa dos jurados e continuam as performances.

(V.O.)

..Dói, dói, dói, dói, dói, um amor faz sofrer dois amor faz chorar.

Dói, dói, dói, dói, dói, um amor faz sofrer dois amor faz chorar.

Quem é você pra deitar na minha cama? Papagaio come milho piriquito leva fama.

Quem é você pra deitar na minha  
cama, pra fazer amor comigo e  
dizer que não me ama.

Os jurados pedem para parar, levantam as placas, cinco 10 para Zuri, ela ganha o troféu e seus amigos vão em volta dela comemorando, sorrisos, palmas, a comunidade se une e começa a dançar.

## 20. EXT. DIA. JARDIM - FOZ DO IGUAÇU

Céu azul, as nuvens passando, a camera faz um tilt-down e Serena está deitada na grama, a câmera se afasta e vemos ao lado dela Chico um transmasculino. Ao redor deles, uma toalha com comidas, sucos, cadernos e alguns lápis. Sorrisos e toques.

LOCUTORA (V.O.)

Então.. você acha que cuidar da  
natureza, é se amar?

O que é amor pra você?

Enquanto Serena deitada desenha um pouco. O Chico coloca um pouco de suco para ela beber. Ela olha para ele de lado com uma parte do cabelo em seu rosto, agarra o suco e bebe devagar enquanto continua a desenhar, solta um sorriso. Ele pega alguma das frutas e começa a comer.

Algumas raízes começam a se aproximar do casal.

## 21. INT. DIA. RESTAURANTE - ESPÍRITO SANTO

Castiel usando um vestido e anéis chega em um restaurante com seu namorado, vão andando até uma mesa, seu namorado puxa a cadeira para ela sentar, o garçom chega e mostra o cardápio ao casal.

Enquanto sorriem e conversam, o garçom traz o vinho e serve para eles, começam a beber. No centro da mesa temos um vaso com uma orquídea roxa.

O namorado passa a mão no rosto de Castiel lentamente.

SERENA (V.O.)

Claro, se respiramos é por conta dela, se amamos é por conta dela. Somos a natureza em sua forma mais sublime, cuidar dela é se amar, tem algo mais forte do que estar viva?

O garçom chega até a mesa com as comidas, coloca os pratos na mesa e o casal começa a comer. Ao fundo do restaurante tem um aquário com peixes.

A orquídea começa a pingar água de suas pétalas.

## 22. INT. DIA. CASA - RIO DE JANEIRO.

Zuri fumando um tabaco em seu quarto enquanto faz carinho em sua gata. Quadros, fotos, imagens, percorremos o quarto de Zuri.

Zuri começa a se arrumar. Maria João a ajuda a amarrar o biquíni, começa a tocar uma música do Mika Kaliandrea de fundo.

Algumas amigas chegam em casa e começam a fazer coisas para ir à praia. Cortar frutas, fazer lanchinhos, enquanto conversam e sorriem.

## 23. EXT. DIA. PRAIA - RIO DE JANEIRO

Zuri andando na praia com suas amigas, enquanto conversam, dançam, fumam. Elas arrumam suas coisas na areia, deitam para tomar sol, começam a passar bronzeador solar umas nas outras enquanto conversam e dão risada.

SERENA (V.O.)

.. E o amor, o amor ta nesse cruzo sabe? O amor pra mim é poder sentir, cuidar uns dos outros, de quem acredita na gente, de quem sabe.... que no final não podemos abrir mares sozinhas. A nossa fé só fica mais forte, em coletivo, nesse grande ecossistema social que

desenvolvemos no decorrer de nossa vida.

Areia, sol, suor, pés se esfregando na areia, copos de bebida sendo levados até a boca. Zuri se levanta após dar um beijo no rosto de uma amiga e vai andando até o mar, entrando devagar até mergulhar.

#### 24. EXT. DIA. ANIMAIS - FOZ DO IGUAÇU

Imagem das cataratas, dos quatis andando na floresta, araras sobrevoando o Rio Iguaçu, ponte Foz-Paraguay.

Pessoas correndo, árvores se mexendo com o vento, pessoas correndo.

#### 25. INT. DIA. FACULDADE - FOZ DO IGUAÇU

Serena está na sala de aula com paredes pretas, estudando, escrevendo, olhando para a professora. Vemos a sala cheia de alunos. A professora na frente da sala explicando o conteúdo.

LOCUTORA (V.O.)

Você já teve que fazer algum sacrifício para realizar seus sonhos?

CASTIEL (V.O.)

Sacrifício.... Não colocaria como sacrifício, eu precisei de coragem, de muita coragem para conseguir sair da minha cidade e ir estudar o que eu sonhava, precisei de coragem para deixar o que já não fazia mais sentido para a pessoa que eu estava me tornando.

As luzes piscam, Serena está sozinha na sala de aula, uma única carteira no meio da sala onde ela está sentada, com uma luz direcionada zenitalmente.

Uma tarântula começa a andar pelo corpo dela, Serena olha

diretamente para nós.

## 26. INT. DIA. MUSEU DE ARTE - RIO DE JANEIRO

Castiel chega com um caminhão em um museu, pessoas a ajudam a descarregar as obras. Está montando sua exposição em um museu de arte no Rio de Janeiro. Na exposição temos obras de arte em quadros, cerâmicas, terra no chão, obras penduradas.

Castiel está em um andaime pintando uma obra. Seu companheiro está em baixo conversando com o dono do museu resolvendo alguns assuntos.

ZURI (V.O.)

Romper com a minha família, acho que o maior sacrifício que tive que fazer foi deixar minha família para poder viver. Para poder estudar, trabalhar, sonhar...

Sonhar novos futuros e novos começos, não só para mim, mas para as minhas.

Castiel sozinha na exposição, começa a andar naquele espaço do museu com terra e a cada passo que ela dá uma flor aparece.

## 27. INT. DIA. AVIÃO - AMAZÔNIA

Zuri está chegando para um congresso na amazônia, ela está dentro do avião, digitando no notebook, mandando alguns audios.

Ela sai e começa a andar pelo aeroporto. Pega sua mala. É recebida por um transmasculino. Sorrisos, abraços. Vão até o carro e entram.

Imagens da paisagem da amazônia.

Zuri chega no congresso, é recebida pelas representantes. Senta

em uma mesa no palco ao lado de outras pessoas trans e pessoas indígenas. O espaço é grande e temos muitas pessoas sentadas em cadeiras.

O congresso começa, muitas pessoas começam a falar, jornalistas fazendo perguntas e fotógrafos tirando fotos

SERENA (V.O.)

Me sinto livre, não vejo como um sacrifício mas sim como liberdade, ter a possibilidade de migrar, para realizar meus sonhos.

Acredito que é algo muito comum dentro da vivência trans, quase como uma diáspora trans sabe?

Sáimos de casa para sermos quem somos plenamente, para construir e reconstruir nossas identidades, para ser capaz de sonhar e ver o mundo com outros olhos.

No final do congresso, as pessoas se abraçam, sorrisos. Zuri ao abraçar uma pessoa, ela fecha os olhos, quando ela abre percebemos que seus olhos estão iguais de uma onça.

## 28. EXT. DIA. ANIMAIS- MATA ATLÂNTICA

Animais migrando no céu, na água, na mata, andando, voando, nadando.

LOCUTORA (V.O.)

Se você pudesse dizer algo a alguém que já amou, o que diria?

## 29. INT. NOITE. CASA - FOZ DO IGUAÇU

Serena sentada em seu sofá respondendo as perguntas.

## SERENA

(Respira fundo)

Hoje eu diria.. Obrigada,não me entenda mal, eu ja fiquei muito cansada, sabe? Dói, amar te deixa vulnerável, e no começo assim, você não sabe muito bem, em quem confiar....

Então, acaba deixando a porta aberta pra qualquer um entrar, e isso é ... Perigoso, mas também, é a vida sabe.

Imagens de animais juntos em árvores, micos com seus filhotes, aráras dando beijinho com o bico.

## SERENA

A gente precisa sentir, seja dor, ódio, raiva, tristeza,transformar isso em força, em movimento, amor não precisa ser sempre desespero, insegurança.

Isso não é amor... É a na verdade a falta dele.

**30. INT. DIA. ATELIÊ - ESPÍRITO SANTO**

Castiel sentada em seu atêlie. Coloca o pincel do lado e olha fixamente para a câmera.

## CASTIEL

Eu não diria nada, eu apenas desejaria coisas boas, muitas dessas que alguns não puderam

me dar, mas eu me dei.

É engraçado pensar nisso e a sua mente já ligar alguns rostos, quase como um flash back.

A única coisa que existe é o presente, por mais que as memórias venham, elas vem pelo presente, então elas são moldadas, as sensações, os sons.

Imagens de sorrisos, mão tocando pele, crianças correndo em um parque brincando com os pais.

CASTIEL

O que a gente teve, foi lindo, foi forte, foi intenso..

Por isso, eu transformo esses sentimentos em arte, para eu me lembrar do quanto precisei mergulhar em mim, para conseguir respirar de novo.

### 31. INT. NOITE. CASA - RIO DE JANEIRO

Zuri arrumada para a Ball respondendo as perguntass sentada.

ZURI

(Solta um sorriso)

Amor, eu diria, me desculpe pelo que você perdeu, porque assim, não sei onde você tá hoje, e pra ser sincera, não me faz diferença nenhuma.

Mas é isso sabe, eu to aqui, eu sempre vou estar, amores vem e vão, mas a única que fica sou eu, no final é a gente pela gente.

E eu preciso continuar.

Zuri se levanta, pega seu casaco, pronta para a Ball, e sai andando. As luzes começam a piscar.

### **32. INT. DIA. SALA DE TEATRO - FOZ DO IGUAÇU**

Luz pisca, vemos zenitalmente Serena sentada em uma sala de piso de madeira, com cortinas de teatro, com alguns atores, ela ensaia com eles e lê o roteiro, estão em roda.

Durante a preparação de elenco Serena faz os atores andarem pela sala. Movimentos de braços, pernas

SERENA (V.O.)

No teatro a principal regra que aprendemos é sobre a força que existe em estar presente. E não digo de maneira metafórica, mas física e mental.

Sons de folhas, vento, os atores estão de olhos fechados se movimentando.

### **33. INT. DIA. CLÍNICA - ESPÍRITO SANTO**

Castiel está em uma clínica, envolta dela algumas pessoas. ela propõe uma série de exercícios respiratórios, de fé e imaginação, que será o ponto de partida para a criação de desenhos, pinturas e poesias.

No chão papéis, tintas, lápis, a voz da Castiel conversando com as pessoas se entrelaça com os sons do ambiente.

A artista, propõe uma prática de meditação guiada e coletiva. As pessoas envolta dela prestão atenção enquanto ela anda e explica.

As pessoas fecham os olhos e começam a respirar, som de água, natureza, som de vento se intensifica.

## CASTIEL (V.O.)

Às vezes eu penso que o corpo é o primeiro território que a gente esquece de habitar.

Respirar é uma forma de lembrar. Inspirar, acolher o mundo; expirar devolver o que já cumpriu o seu ciclo.

Na arte, como na psicanálise, a gente trabalha com o invisível.

Um traço, um gesto, uma palavra dita entre suspiros, tudo isso revela o que o inconsciente tenta pintar em silêncio.

Eu gosto de pensar que a natureza é nossa analista mais antiga.

Na clínica, no ateliê, no mundo, é tudo o mesmo gesto.

A mesma tentativa de estar presente, de deixar o corpo sentir antes de entender.

E eu penso... talvez a arte seja isso, um modo de respirar junto. Uma prece em forma de cor, uma lembrança em movimento.

**34. INT. DIA. TERREIRO - RIO DE JANEIRO**

Zuri está toda de branco com sua guia conversando com seus pais de santo, outras pessoas de branco. Atabaque, plantas, artes, imagens de orixás, altares com velas acesas.

Ela vai até o banheiro e começa a tomar banho de ervas, folhas em seu corpo, começamos a escutar barulho de rio e um canto de orixá bem baixo.

## MÚSICA (V.O.)

Ê nijé nilé lodôo

Yemanjá o

Akota pê lê dê

lyá oro mi o

Ê nijé nilé lodôo

Yemanjá o

Akota pê lê dê

lyá oro mi o

Ê nijé nilé lodôo

Odo osapa

Ayere masele o

lyá oro mi o

Ê nijé nilé lodôo

Yemanjá o

Akota pê lê dê

lyá oro mi o

Ê nijé nilé lodôo

Yemanjá o

Akota pê lê dê

lyá oro mi o

Ê nijé nilé lodôo

Yemanjá o

Akota pê lê dê

lyá oro mi o...

Montagem imagens do mar, de animais da mata atlântica, plantas, rio, fauna flora de Foz do Iguaçu, do Espírito Santo e Rio de Janeiro. No final a música começa a ficar mais fraca e dá espaço para os sons da natureza.

Montagem Serena na sala de teatro fazendo movimentos corporais com atores, na clínica alguém começa a desenhar uma árvore grande, no terreiro zuri jogando o banho de ervas no corpo.

### 35. EXT. DIA. FLORESTA - MATA ATLÂNTICA

Escutamos o barulho da floresta o sopro do vento entre as folhas, o rio correndo entre pedras, um coro de pássaros que se mistura a uma respiração humana.

A câmera se move como se fosse o próprio vento. As plantas se inclinam, como se reconhecessem algo prestes a nascer.

Castiel surge na floresta como um sopro, usando um vestido branco e cabelos ao vento, começa a tocar tudo em sua volta de olhos fechados abrindo aos poucos, é como se a floresta também acordasse. Pequenos raios de sol atravessam o dossel e pousam sua pele. Pés tocando a terra, as árvores.

Serena surge de uma árvore oca, madeira range como se respirasse. Seus dedos deslizam na textura do tronco, com algumas marcas de terra em sua pele, usando um vestido branco, vemos sua mão saindo de dentro da árvore, e depois seus olhos aparecendo, e aos poucos vai saindo da árvore e sentindo o ambiente. A luz toca seu rosto. Ela respira fundo. Cada passo é lento.

O som do rio se intensifica

Serena começa a andar na floresta e chega até um rio, seus pés pisam no rio. Ao longe Castiel a observa.

Zuri sai do rio, ela está com seus cabelos molhados, sua pele molhada, usando um vestido branco quase totalmente seco ela vai andando pela floresta observando tudo.

As personagens são apresentadas aos poucos durante a montagem, partes do corpo, olhos, boca, ouvidos, pés, juntamente com os sons da natureza.

Por um instante, as três estão em cena: ar, terra e água. Elas se observam à distância, reconhecendo-se sem palavras.

O som da floresta se mistura a um coro leve, quase ancestral, vozes femininas que lembram um canto em extinção.

A câmera gira em torno delas. As três caminham lentamente umas em direção às outras.

Quando se encontram, tocam as mãos. O toque é sutil, mas nele há uma força antiga como se a floresta inteira respirasse junto.

Elas se olham, o vento aumenta, as folhas tremem, a luz muda. De seus corpos, brotam pequenas flores coloridas. Primeiro nos cabelos, depois nas mãos, depois por todo o corpo.

Flores que nascem e desaparecem no mesmo sopro, quase como um olho abrindo e se fechando.

O som do vento volta.

A câmera se afasta, revelando as três no centro da mata pequenas, imersas na imensidão viva. Os rostos delas olhando para cima para o alto das árvores.

O reflexo da luz em seus olhos é o mesmo reflexo do rio, como se o céu e a água fossem o mesmo espelho.

## 6. PERSONAGENS

### 6.1 EPISÓDIO PILOTO 1 - “ As Flores que Nascem no Atlântico”

**Imagem 1** - Fotos de Zuri Moura<sup>7</sup> (RJ)



FONTE: Arquivos encontrados no instagram de @zurimoura.<sup>8</sup>

Com uma trajetória marcada pela construção de pontes entre equidade, inclusão e justiça social, transformou sua vivência em ferramenta de mudança. Travesti, negra e oriunda da periferia, faz da própria história um instrumento para abrir caminhos e provocar transformações estruturais. Em 2022, fundou a Rede Transvesti UFFiana, um espaço de acolhimento e segurança para pessoas trans e travestis na universidade.

No ano de 2022, na mesma instituição, tornou-se a primeira diretora travesti do DCE-UFF (gestão Pra Virar o Jogo) e esteve entre as pioneiras na criação das cotas trans, iniciativa inédita no estado do Rio de Janeiro. Seu trabalho abrange a projetos que fortalecem os direitos de populações historicamente marginalizadas; especialmente mulheres negras, pessoas LGBTQIA+ e comunidades periféricas. É integrante do Perifa Connection, articuladora política do Mulheres Negras Decidem e integrante da APIQ, onde promove diálogos interseccionais entre raça, gênero e território. Atualmente, coordena a Articulação e Advocacy do FONATRANS-RJ (Fórum Nacional de Pessoas Trans Negras). Na cultura, atua como líder da Casa de

<sup>7</sup> Foi realizada entrevistas e conversas com a personagem.

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/zurimoura/?\\_d=1%2F%2F](https://www.instagram.com/zurimoura/?_d=1%2F%2F)>. Acesso em: nov. de 2025.

Ewá, um dos núcleos da cena *ballroom* brasileira, do qual transforma a arte em gesto político e a performance em forma de resistência.

*É preciso que a sociedade se comprometa a romper o pacto de sua cisgeneridade para avançar em direitos sociais à população trans e travesti.*<sup>9</sup>

**Zuri Moura** durante uma conversa que tivemos na UFF, aos 7 de outubro de 2025.

## Imagem 2- Fotos de Castiel Vitorino Brasileiro (ES)



FONTE: Arquivos encontrados no instagram de @castielvitorino.<sup>10</sup>

Artista plástica, escritora e psicóloga clínica formada pela UFES e mestra de Psicologia Clínica pela PUC-SP, Castiel Vitorino Brasileiro tem seu percurso transborda os limites entre arte, ciência e espiritualidade. Investiga o mistério que habita entre a vida e a morte aquilo que chama de Transmutação: o movimento entre diferentes zonas da existência. Sua pesquisa nasce do pertencimento à diáspora Bantu-brasileira e se expande em estudos sobre medicinas e espiritualidades interespecíficas, compreendendo o diálogo entre formas de vida distintas. Autora do livro *“Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude”* (2022), Castiel tem realizado exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Em Bruxelas, apresentou a mostra *“A Linguagem dos Anjos”* na galeria Mendes Wood, que a representa. Foi também uma das artistas participantes da 35ª Bienal de São Paulo (2023).

Entre seus projetos, destaca-se *“Kalunga: a origem das espécies”*, uma investigação sobre ancestralidade e criação. Sua mais recente exposição em cartaz, *“Eterno Vulnerável”*, propõe uma reflexão profunda sobre a liberdade como

<sup>9</sup> Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/castielvitorino/?hl=pt>>. Acesso em: nov. de 2025.

experiência viva e mutável. Foi apresentada no Solar dos Abacaxis (Rio de Janeiro) de 26 de julho a 1 de novembro de 2025.

*Eu quis construir um título que demonstrasse, assegurasse a liberdade como uma experiência retirasse a liberdade como uma única palavra de único significado, mas dissesse e mostrasse ao público que a liberdade é circunstancial, é uma experiência que sempre vai existir, mas que precisa ser protegida. Precisa ter uma estrutura que possibilite que a experiência de liberdade surja, permaneça e perdure. Então Eterno Vulnerável é um pouco disso: traz uma dimensão temporal da liberdade, mas também uma dimensão do cuidado com as nossas múltiplas e infinitas possibilidades de liberdade.<sup>11</sup>*

**Castiel Vitorino Brasileiro** ao ser entrevistada sobre seu livro.

**Imagem 3** - Fotos de Serena Vinicius<sup>12</sup> (SP-PR)



FONTE: Arquivo pessoal da autora.

Atriz, formada pela Escola Livre de Teatro de Santo André, e estudante do curso de Cinema e Audiovisual, pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Vive em Foz do Iguaçu, constrói uma trajetória marcada pela pluralidade entre arte, política e território. No cinema, assina argumento, roteiro, direção e montagem do média-metragem documental “Voz Perifa Tambor” (2025) e do curta de ficção “Operação T” (em finalização). Foi primeira assistente de fotografia e montadora do média “Nos Dedos de Tua Mão: Cátia de França” (2024), além de assinar o argumento, atuação e montagem do curta documental “Quando Elas Recebem Flores?” (2025). Participou também como segunda assistente de direção no curta “Águas de Cabocla” (2025), dirigido por Stheffany Fernanda, da

<sup>11</sup> Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético. A entrevista está disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DNTzzR2Jy3o/>>. Acesso em: out. de 2025.

<sup>12</sup> Foram realizadas entrevistas e trocas com a artista durante todo o ano.

Produtora 609, e como primeira assistente de direção no curta “NEGROAMOR”, de Jota Marcos.

Na área de produção, integrou as equipes do 3 Margens – Festival Latino-Americano de Cinema (2024), como assistente executiva, e do Abril Claquete – Maratona Cinematográfica (2025), como assistente de produção. No campo da pesquisa acadêmica, dedica-se ao projeto G.E.M.A – Grupo de Estudos sobre Montagem no Audiovisual, orientada pela professora Virgínia Osorio Flores. É autora do artigo “*Maracatu – histórias e ressonâncias nas periferias da tríplice fronteira*”.

## 6.2 EP 2- “A Resistência da Amazônia que Ultrapassa Fronteiras”

**Imagem 4** - Foto Miguel Afonso Da Costa Pontes<sup>13</sup> (AM)



FONTE: Arquivo do site da UFAM.<sup>14</sup>

Primeiro homem trans a se formar em Enfermagem no Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB), pela UFAM, em Coari. Atualmente ele é Analista clínico da CETAM (Centro de Educação Tecnológica do Amazonas).

*Sua vitória é um avanço para o curso de Enfermagem no interior do Amazonas e um exemplo de que a identidade de gênero não define o potencial de uma pessoa. Sua trajetória acadêmica, marcada pelo excelente desempenho no ensino, pesquisa e extensão, demonstra a dedicação de um profissional que tem interesse em transformar o cuidar em áreas remotas. A presença de um enfermeiro trans pode mudar a forma como a Enfermagem é vista e praticada no interior do*

<sup>13</sup> As informações sobre ele foram retiradas de notícias, não foram realizadas entrevistas

<sup>14</sup>

Disponível em: <<https://www.ufam.edu.br/noticias/7006-primeiro-homem-trans-se-forma-no-instituto-de-saude-e-biotecnologia-da-ufam-em-coari.html>>. Acesso: nov. 2025.

*Amazonas, trazendo uma perspectiva mais sensível e humana ao atendimento integral. A vitória de Miguel é uma celebração da diversidade é um passo importante na luta por mais equidade e respeito na saúde e educação.<sup>15</sup>*

Prof. Paula Andreza Viana Lima compartilha a **Miguel Afonso da Costa Pontes**, durante sua formatura

**Imagem 5** - Foto de Mika Kaliandrea<sup>16</sup> (AM/SP)



FONTE: Mídia Ninja, 2025.<sup>17</sup>

A potência de uma voz transmasculina e indígena, filho de um pai peruano e de uma mãe mineira. Desde cedo, Mika encontrou um refúgio na arte; assim como, uma arma. Aos dez anos, começou a desenhar e se especializou em mangá, caminho que o conduziu ao curso de Artes Visuais. Mais tarde, foi na música que sua expressão ganhou corpo e ressonância: com composições que misturam brasilidades e blues. Mika transforma vivências e revoltas em melodias que atravessam temas de gênero, raça e ancestralidade. Seu canto nasce também do Axé, onde encontra força espiritual e pertencimento.

Importante lembrar que o Peru abriga uma grande parte da Amazônia, que cobre mais de 60% de seu território. A Amazônia peruana, segunda maior do mundo depois da brasileira, é um território de origem e de fluxo, conhecido por sua

<sup>15</sup>Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético. Disponível em:<<https://www.ufam.edu.br/noticias/7006-primeiro-homem-trans-se-forma-no-instituto-de-saude-e-biotecnologia-da-ufam-em-coari.html>>. Acesso em: out. de 2025.

<sup>16</sup> Foram realizadas entrevistas durante o mês de novembro com o personagem.

<sup>17</sup>

Disponível em:<<https://midianinja.org/mika-kaliandrea-a-potencia-de-uma-voz-transmasculina-e-indigena-na-musica-e-nas-artes-visuais/>>. Acesso em: nov. 2025.

biodiversidade e por ser o berço do rio Amazonas. É a partir desse lugar simbólico e geográfico que Mika pensa sua própria travessia.

*Não sou boliviano, como costumam me abordar na rua. Meu pai diz: 'você é um peruaninho'. E não só vim parar aqui, no Brasil. Me vejo numa encruzilhada: não sou nem de cá, nem de lá. Me vejo latino-americano, orgulhoso por sua cultura, pela sua inconformidade e revolta. Me vejo como parte da imensa parcela de indígenas desse território que se veem mestiços, mas que tiveram um apagamento profundo da sua origem.*<sup>18</sup>

**Mika Kaliandrea afirma.**

**Imagem 6** - Foto de Lucas William Santos Siqueira<sup>19</sup> (PA)



FONTE: G1.Globo, 2025<sup>20</sup>.

Lucas mora em Belterra. Servidor público, professor de formação e estudante de mestrado em Letras, pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). É escritor e compreende sua visibilidade na literatura e escritos como uma forma de dar voz à comunidade trans. A sua relação entre família e religião foi marcada pela rejeição que o desencadeou a sua saída de casa aos 18 anos.

*Escrever, publicar, ser lido, é uma forma de resistência. Não só para*

<sup>18</sup> Nesse relato, abandona-se a norma ABNT por um fator estético. Disponível em : <<https://www.instagram.com/p/DF0HpaHRRY6/?igsh=Z2EwdjN1c3lrbDF6>>. Acesso em: 2 de novembro.

<sup>19</sup> Não foram realizadas entrevistas com este personagem apesar da tentativa de contato, desta forma utilizei informações disponíveis na internet.

<sup>20</sup>Com o texto Disponível em:<<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2025/06/28/conheca-duas-historias-de-coragem-e-conquistas-de-homens-trans-na-luta-pela-visibilidade-e-aceitacao.ghtml>>. Acesso em: nov. 2025.

*mim, mas para todos que não têm voz*<sup>21</sup>

**Lucas William Santos Siqueira**

6.3 EP 3 - “As Planícies do Pampa que Crescem no Amor”

**Imagem 7** - Fotos de Júpiter Wieczorek<sup>22</sup> (RS)



FONTE: Perfil do Instagram de @jupith0t.<sup>23</sup>

Uma das primeiras pessoas a retificar o nome e gênero no Rio Grande do Sul, atualmente professor de biologia do oitavo e nono ano em Viamão. De ilustração científica/botânica à palestrante de história e direitos LGBTQ+, Estágio em Educação Bolsa PIBID - UFRGS, Voluntariado em ações comunitárias/emergenciais e educação de jovens.

*Hoje cruzo a fronteira entre cidades olhando pras janelas do tempo sobre as colinas no fim do potássio. Nunca pensei que estaria feliz de estar em Viamão. É algo além de mim estar em sala de aula. Sinto que 100 vidas cruzam a minha. O oitavo ano me adora, o nono ano também. É estranho ver essas crianças mudando, olhando no espelho e me vejo criança, ainda, crescendo sobre o mesmo pôr do sol. Eu também cresci aqui.*<sup>24</sup>

<sup>21</sup>Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético. Disponível em:<<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2025/06/28/conheca-duas-historias-de-coragem-e-conquistas-de-homens-trans-na-luta-pela-visibilidade-e-aceitacao.ghtml>>. Acesso em: out. de 2025.

<sup>22</sup> Não foram realizadas entrevistas com este personagem apesar da tentativa de contato, desta forma utilizei informações disponíveis na internet.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/jupith0t/>>. Acesso em: nov. de 2025.

<sup>24</sup> Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético. Disponível em:<[https://www.google.com/url?q=https://www.instagram.com/p/DP2YW9HD-3\\_/?igsh%3DbXA1cWIpZ3R0MWd5&sa=D&source=docs&ust=1764105203288078&usg=AOvVaw39IKzB4KaTPgSe0uVx5UPr](https://www.google.com/url?q=https://www.instagram.com/p/DP2YW9HD-3_/?igsh%3DbXA1cWIpZ3R0MWd5&sa=D&source=docs&ust=1764105203288078&usg=AOvVaw39IKzB4KaTPgSe0uVx5UPr)>. Acesso em: out. de 2025.

Júpiter Wiczorek compartilha em seu instagram

**Imagem 8** - Foto de Denu<sup>25</sup> (RS)



FONTE: Arquivo Retirado do post feito por @marina.feldens.<sup>26</sup>

Denu é artista não-binário natural de Porto Alegre. Seu trabalho centra-se sobretudo na criação de arte digital e 3D, unindo conhecimentos de animação, videomaking, design e síntese sonora. Nos últimos anos, realizou exposições em Porto Alegre, São Paulo, Nova York e Tunis.

Participou da residência artística Vertical Crypto Art. Introvertido, mas muito apegado em suas amizades de anos, Denu demorou muito para conseguir se abrir para relacionamentos, não tem muito contato com sua família, mas sua arte tem um papel primordial em seu amadurecimento enquanto pessoa.

**Personagem Brian<sup>27</sup>** é filho de terreiro, pessoa preta não-binária, sua família não conseguiu se adaptar às suas mudanças. De origem evangélica, teve que quebrar suas amarras para conseguir ser quem era. Atualmente trabalhando como cozinheiro em um restaurante renomado, Brian segue a vida criando receitas e afetos, namorando a 3 anos uma mulher trans, está prestes a pedir sua amada em casamento, mas por enquanto precisa manter segredo pois quer que seja surpresa. Inserido na Cultura BallRoom foi onde conheceu seu amor por si mesmo e por sua namorada.

---

<sup>25</sup> Não foram realizadas entrevistas com este personagem apesar da tentativa de contato, desta forma utilizei informações disponíveis na internet.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/marina.feldens/>>. Acesso em: nov. de 2025.

<sup>27</sup> Por enquanto prefere não se identificar, mas a entrevista foi realizada

#### 6.4 EP 4- “ As Sementes do Cerrado que Transformam o Futuro” (Cerrado)

**Imagem 9-** Foto de Tiana<sup>28</sup> (MG)



FONTE: Terra Observatoriog, 2025.<sup>29</sup>

Tiana, travesti negra de 92 anos, moradora de Governador Valadares (MG), seu nome é em homenagem a São Sebastião a quem ela é devota. Reconhecida pelo Guinness Book como a mulher trans mais velha do mundo, Tiana rompe estatísticas e se transforma em símbolo de resistência e permanência. Sua trajetória é marcada por violências e superações. Enfrentou abusos físicos e financeiros na própria família. Sobreviveu à ditadura militar e às duras condições de um país que, por décadas, negou a humanidade de pessoas trans. Trabalhou como lavadeira e faxineira, sustentando-se com o esforço das próprias mãos, em meio à hostilidade e ao silêncio social. Profundamente religiosa, Tiana costuma dizer que conquistou tudo sozinha, com fé e trabalho. Orgulha-se de nunca ter se rendido às imposições da vida, de não ter caído na prostituição, e de hoje viver em sua própria casa, com saúde e serenidade. Testemunho vivo de uma geração que resistiu para que outras pudessem florescer.<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Não foram realizadas entrevistas com este personagem apesar da tentativa de contato, desta forma utilizei informações disponíveis na internet.

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://observatoriog.com.br/colunas/fabio-rodella/tiana-92-anos-a-travesti-mais-velha-do-mundo-pode-ser-brasileira/>>. Acesso em: nov. de 2025.

<sup>30</sup> Informações disponíveis em :<<https://observatoriog.com.br/colunas/fabio-rodella/tiana-92-anos-a-travesti-mais-velha-do-mundo-pode-ser-brasileira/>> acesso em 23 nov 2025.

**Imagem 10** - Foto de Eduardo Barbosa<sup>31</sup> (MG)



FONTE: MUTHA, 2025.<sup>32</sup>

Eduardo Barbosa, homem trans nascido em Abre Campos (MG), em 27 de abril de 1935. Possivelmente um dos homens trans mais velhos vivos do Brasil. Aos 90 anos, sua existência foi um ato de memória e permanência. Participou, junto à família, do Projeto Arquivo Vivo MG, um encontro de convivência transgeracional; um gesto de escuta e partilha entre diferentes tempos e trajetórias. Durante essas trocas, Ian Habib um dos criadores do projeto escreveu sobre o que emergiu da presença de Barbosa que fala sobre a ciência da vida: *“uma ciência da experiência corporal, em que possamos criar novos modos de existência, para além do conhecimento adquirido pela leitura.”*<sup>33</sup>. A serenidade de Eduardo carrega o peso e a leveza de quem atravessou o século. Sua presença é o registro vivo de uma sabedoria que não se lê, mas se sente uma vida que ensina que existir, em si, já é um gesto político.

---

<sup>31</sup> Não foram realizadas entrevistas com este personagem apesar da tentativa de contato, desta forma utilizei informações disponíveis na internet.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://mutha.com.br/arquivo-vivo-mg/>>. Acesso em: nov. de 2025.

<sup>33</sup> Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DNQyFV8Rgl/>>. Acesso em: out. de 2025.

**Imagem 11 - Foto de Suham Torres<sup>34</sup> (AL)**



FONTE: Tribunadoagreste, 2025.<sup>35</sup>

Aos 74 anos, Suham Torres é uma mulher trans cuja trajetória se desenha entre dança, pintura e resistência. Desde 2017, integra o grupo Transhow e a Companhia de Dança Mandalla, onde expressa sua arte em coreografias de dança cigana e flamenca. Além do corpo em movimento, Suham também traduz emoções em cor e traço. Vinda de Maceió, trabalhou como cabeleireira, babá e, mais tarde, em restaurantes em Salvador, muitas vezes sem receber o salário devido. Cada obstáculo se tornou matéria de transformação. *“Para chegar à idade que eu estou, 74 anos, atravessei a ditadura militar e os obstáculos da vida, que só me fizeram fortalecer”*. Sua história está registrada no livro “Vida e Obra de Suham Torres”, onde paixões, medos e alegrias se tornam memória viva. Suham é filha do bioma de transição entre o litoral alagoano e a Caatinga, lugar onde o verde se mistura ao árido, e onde a resistência floresce em silêncio

*No livro depois de relatar tudo, eu falo que sou uma fênix porque eu vim das cinzas e hoje me tornei o que sou<sup>36</sup>*

<sup>34</sup> Não foram realizadas entrevistas com este personagem apesar da tentativa de contato, desta forma utilizei informações disponíveis na internet.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://www.tribunadoagreste.com.br/geral/2025/10/09/799495-vida-e-obra-de-suham-torres-artista-trans-alagoana-celebra-lancamento-de-biografia-em-maceio>>. Acesso em: nov. de 2025.

<sup>36</sup> Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético. Disponível em: <<https://www.tribunadoagreste.com.br/geral/2025/10/09/799495-vida-e-obra-de-suham-torres-artista-trans-alagoana-celebra-lancamento-de-biografia-em-maceio>>. Acesso em: out. de 2025.

**Suham Torres** afirma.

### 6.5 EP 5 - “Os Ricos Frutos da Caatinga”

**Imagem 12** - Foto de GUSTAVO (CE/SP)



FONTE: Arquivo do instagram de @raphaelegustavinho.<sup>37</sup>

Gustavo<sup>38</sup> é um menino trans de 11 anos que iniciou sua transição aos 4 anos, com o apoio incondicional de sua mãe, Raphael, homem trans de 34 anos. Hoje, a dupla vive em São Paulo, onde compartilha sua história e rotina em um perfil no Instagram, ajudando outras famílias que atravessam trajetórias semelhantes. Certa época, Raphael foi chamado com urgência à escola de Gustavo e surpreendeu-se ao receber um encaminhamento para o filho buscar tratamento para depressão. O primeiro passo para restaurar a alegria de Gustavo foi atender seu desejo de ser tratado como menino: trocar o guarda-roupa, escolher um novo nome e afirmar sua identidade. Pouco depois, Gustavo compartilhou o ser youtuber, retomando a alegria e a confiança. Durante esse período, a família morava em Fortaleza. “*Ele apanhava e chorava na escola, as crianças não brincavam com ele*”<sup>39</sup>, relata Raphael. Gustavo

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/raphaelegustavinho/>>. Acesso em: nov. de 2025.

<sup>38</sup> Foi realizado entrevistas e com o pai/mãe do menino

<sup>39</sup> Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/mae-de-menino-trans-de-7-anos-relata-transicao-em-perfil-no-instagram>>. Acesso em: out. de 2025.

também enfrentou episódios de transfobia, como quando a escola dificultava o respeito ao seu nome social. Diante dessas dificuldades, decidiram se mudar para São Paulo, onde Gustavo passou a receber atendimento psicológico, psiquiátrico e pediátrico no Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (HC).

**Lua**<sup>40</sup> é Uma menina trans de 10 anos do Rio Grande do Norte adora andar de cavalo e jogar bola, começou a se perceber menina quando pequena, pegando as roupas da sua mãe e maquiagem. Um dia sua mãe a viu, mas não falou nada. Na escola os professores comentavam na reunião de pais, mas o pai era relutante, depois de um tempo a mãe colocou a filha em terapia ocupacional. Hoje em dia ela segue feliz e com a família que a apoia, contínua andar de cavalo e praticar esportes, sua vontade de ir para cidade grande é um impulso, adora cozinhar, sua mãe é cozinheira e aprendeu muitas receitas com ela.

**Natan**<sup>41</sup> é um menino trans de 8 anos da Paraíba, com seus pais tendo origem de terreiro, ser quem é não foi um desafio, mas um abraço, feito desde pequeno na religião, após os pais buscarem psicólogos, a espiritualidade ajudou a dar força a essa família. Mãe enfermeira e Pai Músico, o filho busca encontrar o que ama e apenas ser criança, sua prioridade é viver.

---

<sup>40</sup> Os pais foram entrevistados mas preferiram manter o sigilo sobre a criança

<sup>41</sup> Os pais foram entrevistados mas preferiram manter o sigilo sobre a criança

## 6.6 EP 6 - “A Força Natural do Pantanal”

**Imagem 13** - Foto de Adriana Nogueira<sup>42</sup>



FONTE: TOPMIDIANEWS, 2025.<sup>43</sup>

A jogadora trans do time de futebol feminino Fênix, teve o jogo interrompido pelas jogadoras do time adversário Leoas, dizendo que não iam jogar com um homem no time. Adriana pontua em certa entrevista *“já venho jogando volei, jogo feminino sempre, masculino nunca joguei neh, ai foi o primeiro jogo (de futsal) que eu fui jogar foi que aconteceu essas coisas, essa palhaçada todinha, tudo ai a gente vai conseguindo ao decorrer do tempo”*<sup>44</sup>. Após a polemica, vereadores do PL aprovaram uma lei que estipula o sexo biológico como definição de gênero para atletas em competições desportivas, em Campo Grande (MS). Inclusive o time adversário Leoas foi homenageado pelo vereador e ganharam menção por não aceitarem a partida. Contudo, ainda no mês de outubro de 2025, a lei foi derrubada.

<sup>42</sup> Não foram realizadas entrevistas com este personagem apesar da tentativa de contato, desta forma utilizei informações disponíveis na internet.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.topmidianews.com.br/politica/camara-derruba-veto-e-mantem-proibicao-de-jogadoras-trans-em-partidas/230123/> >. Acesso em: nov. de 2025.

<sup>44</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/D0mEiJ\\_CaPL/?utm\\_source=ig\\_web\\_button\\_share\\_sheet](https://www.instagram.com/reel/D0mEiJ_CaPL/?utm_source=ig_web_button_share_sheet) >. Acesso em: out. de 2025.

**Imagem 14 - Foto de Théo Toledo**



FONTE: Foto de perfil do instagram de @theotoledoo<sup>45</sup>

Transmasculino, criador e coordenador Adj. da IBRAT de MS, jogador do Ararasfut e 007 da *Ballroom* MS. Sua primeira caminhada da *Ball* foi em 2022 foi o primeiro transmasculino a caminhar em uma BallRoom, “*esse local também é meu*” comenta entrevista realizada por mim no dia 5 de novembro de 2025. Foi uma quebra de estigmas sobre o que é ser homem, sempre é imposto a seguir padrões. Sempre gostou de jogar bola, foi o co-idealizador do Ararasfut. Formado em letras, atualmente trabalha como entregador.

O amor na sua vida só começou a ser verdadeiro quando começou a transcentrar (se relacionar com outras pessoas trans), mas antes disso namorou 5 anos com uma mulher cis. Quando começou a se relacionar com mulheres trans tudo mudou.

*Não é porque eu sou transmasculino que não posso usar uma saia, meu corpo é político*<sup>46</sup>

**Théo Telo** afirma durante a entrevista.

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/theotoledoo/>>. Acesso em: nov. de 2025.

<sup>46</sup> Nesse relato, abandona-se a norma de ABNT por um fator estético. A afirmação foi feita durante uma entrevista *on-line*.

**Imagem 15 - Foto de Mikaella Lima<sup>47</sup>**

Fonte: CAPITAL NEWS, 2022. <sup>48</sup>

Mikaella Lima é uma mulher trans de 41 anos, atleta, árbitra de vôlei, ativista, ex coordenadora da ATMS, Bacharel em Educação física e Subsecretária Estadual. Primeira a jogar na categoria feminina no vôlei no Mato Grosso do Sul, iniciou no vôlei aos 13 anos na escola municipal Domingos Gonçalves, em Campo Grande (MS).

---

<sup>47</sup> Não foram realizadas entrevistas com este personagem apesar da tentativa de contato, desta forma utilizei informações disponíveis na internet.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.capitalnews.com.br/reportagem-especial/orgulho-lgbtqia-mikaella-e-a-primeira-arbitra-transsexual-do-ms/373128> >. Acesso em: nov. de 2025.

## 7. TEMPO E ESPAÇO NARRATIVO

Durante a série vamos acompanhar os personagens por diversos biomas do Brasil. Contará com a representação dos ecossistemas, desde a Mata Atlântica que será representada através do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Foz do Iguazu; a Amazônia, passando por Belterra e pela Amazônia peruana à São Paulo; o Pampa, pelo Rio Grande do Sul à Viamão e Porto Alegre, com um pezinho no exterior; o Cerrado, através do interior de Minas Gerais até o Alagoas onde se encontra a transição para a Caatinga, representada pela Paraíba, Rio Grande do Norte e Fortaleza que irá migrar até São Paulo e o Pantanal, passando por Mato Grosso do Sul, Campo Grande. A partir desse trânsito a cada episódio, a série irá se passar durante 2026-2027. O tempo conta com momentos documentais do cotidiano, porém com elementos fantásticos, nos quais não sabemos o que é real e o que é fantasia, até que é elevado a algo mais lírico e poético.

## 8. RELATÓRIO CRÍTICO

Durante o meu TCC eu passei por diversos processos, me mudei para o Rio de Janeiro para encontrar melhores condições de vida, comecei a entrar no mercado de trabalho, sentindo na pele o peso de ser uma pessoa trans e ao mesmo tempo me mudando de casa em casa até encontrar um lar que me sentisse bem e segura.

Comecei a cuidar da minha espiritualidade, a valorizar a mulher que sou e meu trabalho, a partir disso consegui criar meu tcc, a partir de toda minha trajetória e no que eu acredito que o cinema possa se tornar.

Trouxe muitas referências de dentro da biologia, mesmo não tendo terminado a graduação. A biologia se tornou algo muito importante para mim, sempre tento colocar na minha arte questões sobre biologia - seja no cenário, na caracterização dos personagens, na narrativa -; somos água, terra, carne e osso, viemos da natureza. Por isso acredito que quando implementamos esses elementos na história de maneira coesa e poética, pode agregar muito imagetivamente para a narrativa, como o beija flor da orelha roxa que inseri quando estava apresentando a Castiel, pois ela nasceu no Espírito Santo e o animal que simboliza esta lugar é este.

Como o documentário segue o percurso de *Character Driven*, as cenas foram inspiradas nos gostos, cotidianos, trabalhos, de cada uma das personagens. Serena já produziu um filme que fala sobre o *projeto tarântula* (um projeto criado durante a ditadura militar para caçar, matar e masculinizar mulheres trans), e na obra ela inseriu uma tarântula. A partir disso, adicionei em uma das cenas adicionar o aracnídeo para trazer uma força visual para o documentário, além de ser um animal que ela gosta e tem significado. Assim como coloquei a Zuri como onça, um animal que ela mesma tem muito afeto; já a Castiel, escolhi focar mais nos elementos da natureza e espiritualidade, questões que ela se debruça muito em seus trabalhos.

A partir disso, busquei mostrar a espiritualidade dentro do projeto, esse ano houve muitas transformações para mim e para as amigas ao meu redor. Nessa perspectiva um dos grandes motivos disso ter acontecido foi porque busquei agradecer a minha ancestralidade e buscar desenvolver minha espiritualidade. E coincidentemente, muitos dos personagens que encontrei e escolhi, passaram por transformações parecidas por conta do candomblé ou da umbanda. Com isso resolvi trazer algumas cenas de impacto que valorizam estas crenças e demonstram como a natureza, o espiritual e o carnal estão de certa forma interligados.

O amor foi representado de maneira muito clara na série, seja através da natureza, nos afetos criados entre a comunidade, pelas relações amorosas desenvolvidas pelas personagens, usando como referência Bell Hooks e claro eu mesma e minhas vivências de afetos enquanto uma travesti, seja em casa, no trabalho, entre amigos, o amor é algo construído com o tempo, seja pelo outro ou por si mesma, contudo se nós não nos reconhecemos merecedoras desse amor, não tem como cuidar de si ou dos outros.

O cotidiano, os afetos e o sonho dessas pessoas representadas em tela foi uma forma de eu me representar também. De alguma maneira, entendo que eu posso sim alcançar meus objetivos, que apesar de não ser reconhecida pelo meu trabalho, ou não ser amada como eu espero, mesmo assim eu não estou sozinha e não posso deixar o medo me dominar. Mostrar a vida dessas pessoas para mim é uma forma de inconscientemente entender que já está dando certo. Às vezes a gente leva a vida no automático (trabalho, casa, dormir, acordar, trabalho) e esse ciclo faz com que a gente esqueça do presente (do sol na pele, do sorriso aos domingos, dos abraços de orgulho, ...). Sempre tive uma mania autodestrutiva de me cobrar muito, de não comemorar as minhas conquistas, de sempre ir de trabalho a outra responsabilidade.

Mas quer saber de uma coisa? **Eu vou comemorar sim!** Mereço, por mim, pelas minhas que nunca conseguiram chegar em uma universidade, pela minha família que me apoiou depois de muitas brigas, eu sendo a primeira pessoa da família a se formar em uma universidade federal, passar por todo esse processo foi transformador, passar pela universidade me ensinou que a vida pode ser muito mais que um livro de capa dura de 300 páginas. Passar pela universidade me mostrou com essas duas graduações que a vida não existe sem a arte e a arte não existe sem a natureza.

## 9. ANEXOS

### ANEXO 1 - Comprovante de pagamento do depósito do roteiro na Biblioteca Nacional

11/25/25, 6:06 PM

PagTesouro



**Pagamento realizado com sucesso.**

Dúvidas relativas a pagamento, comprovante, produto ou serviço devem ser dirigidas ao órgão público favorecido.

#### Dados do Pagamento

<b>Descrição</b> 11903 - REGISTRO DE OBRAS	<b>Identificação do pagamento</b> 4uWOWd28jwyoD9MvvDzIEj
<b>Nome do contribuinte</b> AURORA AUGUSTO LIMA	<b>Forma de pagamento</b> Pix
<b>CPF do contribuinte</b> 390.803.758-10	<b>Número/ID da transação no prestador</b> E18236120202511252106s032574d28c
<b>Número de referência</b> 105	<b>Data do pagamento no prestador</b> 25/11/2025
<b>Valor total do serviço</b> R\$ 40,00	<b>Data e hora da confirmação do pagamento</b> 25/11/2025 18:06:21



<https://solicitacao.servicos.gov.br/processos/107f4b3a-76c9-433c-a75a-9d5d9a524666>

1/1

FONTE: Arquivo pessoal da autora.

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO DOS PASSOS, Maria Clara. *Pedagogias das Travestilidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

ASSOCIAÇÃO DE PROFISSIONAIS TRANS DO AUDIOVISUAL (APTA). *Relatório interno sobre inclusão e políticas públicas no audiovisual brasileiro*, 2024.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Nota técnica sobre sobre ações afirmativas para pessoas trans e travestis e o enfrentamento da transfobia no contexto da educação superior*. Brasil: Antra, 2024.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *Sobre*. s.d. Disponível em: <https://castielvitorinobrasileiro.com/sobre>. Acesso em: 23 nov. 2025.

CAPITAL NEWS. *Orgulho LGBTQIA+: Mikaella é a primeira árbitra transexual do MS*. 02 jul. 2022 Disponível em: <https://www.capitalnews.com.br/reportagem-especial/orgulho-lgbtqia-mikaella-e-a-primeira-arbitra-transexual-do-ms/373128>. Acesso em: 23 nov. 2025.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Trad. Augustin de Tugny, Oswaldo Teixeira e Ruben Caixeta; seleção e organização César Guimarães & Ruben Caixeta. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 373 p.

DISCLOSURE: *Trans Lives on Screen*. Direção de Sam Feder. Produção de Laverne Cox. Los Angeles: Netflix, 2020. 1 vídeo (100 min).

DO CORPO-TERRITÓRIO AO TERRITÓRIO-CORPO (DA TERRA): CONTRIBUIÇÕES DECOLONIAIS. *GEOgraphia*, Niterói, v. 22, n. 48, 2020. DOI: 10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100>. Acesso em: 26 set. 2025.

G1. *Os brasileiros não binários que lutam pelo reconhecimento do gênero neutro: "Não me considero homem nem mulher"*. 26 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/03/26/os-brasileiros-nao-binarios-que-lutam-pelo-reconhecimento-do-genero-neutro-nao-me-considero-homem-nem-mu>

[lher.ghtml](#). Acesso em: 23 nov. 2025.

G1 SANTARÉM. *Conheça duas histórias de coragem e conquistas de homens trans na luta pela visibilidade e aceitação*. 28 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2025/06/28/conheca-duas-historias-de-coragem-e-conquistas-de-homens-trans-na-luta-pela-visibilidade-e-aceitacao.ghtml>. Acesso em: 23 nov. 2025.

GLAAD. *Where We Are on TV Report 2019–2020*. Los Angeles: GLAAD Media Institute, 2019. Disponível em: <https://glaad.org>. Acesso em: 26 set. 2025.

GRANT, Jaime M. et al. *Injustice at Every Turn: A Report of the National Transgender Discrimination Survey*. Washington, DC: National Center for Transgender Equality, 2011.

GUZMÁN, Patricio. *Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários*. São Paulo: Edições Sesc, 2017. 288 p.

HELENA KATZ; GREINER, Christine. *Corpo, dança e biopolítica: pensando a imunidade com a Teoria Corpomídia*. In: ANAIS DO II ENCONTRO CIENTÍFICO DA ANDA, 2011, Porto Alegre. Anais eletrônicos..., Galoá, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2011/trabalhos/corpo-danca-e-biopolitica-pensando-a-imunidade-com-a-teoria-corpomidia?lang=pt-br>. Acesso em: 26 set. 2025.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

INSTITUTO GEENA DAVIS. *Estudo sobre representação de gênero no cinema e na televisão brasileira*, 2016.

MARINO, Paula Rodríguez. “Cinema e memória: aproximações e problemas.” *Comunicação & Informação*, v. 14, n. 1, 2011.

METRÓPOLES. *Mãe de menino trans de 7 anos relata transição em perfil no Instagram*. 2 dez 2021 Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/mae-de-menino-trans-de-7-anos-relata-transicao-em-perfil-no-instagram>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MÍDIA NINJA. *Mika Kaliandrea: a potência de uma voz transmasculina e indígena na música e nas artes visuais*. 10 jan 2025 Disponível em: <https://midianinja.org/mika-kaliandrea-a-potencia-de-uma-voz-transmasculina-e-indigena-na-musica-e-nas-artes-visuais/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MUTHA. Disponível em: <<https://mutha.com.br/arquivo-vivo-mg/>>. Acesso em nob. de 2025.

MUTHA. IMPORTUNAÇÃO E CIÊNCIA DA VIDA. [Vídeo]. Instagram, 12 de ago. de 2025. Disponível em:<[https://www.instagram.com/reel/DNQyFV8Rgl\\_/](https://www.instagram.com/reel/DNQyFV8Rgl_/)>. Acesso em: nov. de 2025.

NAVARRO, Vinicius Broetto. *Considerações acerca da indústria cultural em Adorno e Horkheimer*. Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24935/1/Considera%C3%A7%C3%B5esAcercaInd%C3%BAstria.pdf>. Acesso em: setembro de 2024.

NÉIA, Lucas Martins. *Como a ficção televisiva moldou um país: uma história cultural da telenovela brasileira (1963 a 2020)*. 1.ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1310>. Acesso em: setembro/2024.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Corpo e natureza em Merleau-Ponty*. Movimento, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 1175–1196, 2014. DOI: 10.22456/1982-8918.42753. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42753>. Acesso em: 26 set. 2025.

NUH/DAA (UFMG). *Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans*, 2015.

OBSERVATÓRIO G. *Tiana, 92 anos: a travesti mais velha do mundo pode ser brasileira*. 19 jul 2025. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/colunas/fabio-rodella/tiana-92-anos-a-travesti-mais-velha-do-mundo-pode-ser-brasileira/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

ONG MINHA CRIANÇA TRANS. *Relatório Institucional*, 2024.

PARRACHO, Maria Luíza. *Retratos do subúrbio no audiovisual: explorando afetos, símbolos e narrativas visuais*. Miguel, n. 10, p. 2014. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=67755@>. Acesso em: setembro/2024.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Campo Imagético).

SOLAR. Transmutações de Castiel Vitorino — episódio 2. [Foto]. Instagram, Rio de Janeiro. 13 de ago. 2025. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DNTzzR2Jy3o/>>. Acesso em: nov. de 2025.

MIKAKALIANDREAOFICIAL. Esses dias, estava falando com o meu pai. [Foto]. Instagram, São Paulo. 8 de fev. 2025. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DF0HpaHRRY6/?igsh=Z2EwdjN1c3lrbDF6>> Acesso em: nov. de 2025

TelaViva. PDM do audiovisual deve olhar para pessoas com deficiência, negras, trans, mulheres, indígenas e mais. *TelaViva*. São Paulo, 29 out. 2024. Disponível em: <https://telaviva.com.br/29/10/2024/pdm-do-audiovisual-deve-olhar-para-pessoas-com-deficiencia-negras-trans-mulheres-indigenas-e-mais/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

TOMAIM, Cássio dos Santos. “O documentário como mídia de memória: afeto, símbolo e trauma como estabilizadores da recordação.” *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, v. 43, n. 46, 2016.

TOP MÍDIA NEWS. Câmara derruba veto e mantém proibição de jogadoras trans em partidas. 21 out 2025. Disponível em: <https://www.topmidianews.com.br/politica/camara-derruba-veto-e-mantem-proibicao-de-jogadoras-trans-em-partidas/230123/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

TRANSVER O MUNDO. *Existências e (re)existências de travestis e pessoas trans no 1º mapeamento das pessoas trans no município de São Paulo*, 2022.

TRIBUNA DO AGRESTE. *'Vida e obra de Suham Torres': artista trans alagoana celebra lançamento de biografia em Maceió*, 09 de out. 2025. Disponível em: < <https://www.tribunadoagreste.com.br/geral/2025/10/09/799495-vida-e-obra-de-suham-torres-artista-trans-alagoana-celebra-lancamento-de-biografia-em-maceio> >. Acesso em: nov. de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM). *Primeiro homem trans se forma no Instituto de Saúde e Biotecnologia da UFAM, em Coari*. s.d. Disponível em: <https://www.ufam.edu.br/noticias/7006-primeiro-homem-trans-se-forma-no-instituto-d-e-saude-e-biotecnologia-da-ufam-em-coari.html>. Acesso em: 23 nov. 2025.

## 11. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

### 11.1 Séries

*POSE*. Criação de Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals. [S.l.]: FX, 2018–2021. Série de TV.

*SENSE8*. Criação de Lana Wachowski, Lilly Wachowski e J. Michael Straczynski. Produção: Netflix. [S.l.]: Netflix, 2015–2018. Série de TV.

### 11.2 Documentários / Curtas / Programas

*À LUZ DO DIA: Emprego para Mulheres Trans, por que não?* Documentário. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

*DISCLOSURE: Trans Lives on Screen*. Direção de Sam Feder. Produção de Laverne Cox. Los Angeles: Netflix, 2020. Documentário (100 min).

*PORTAS ABERTAS: Acesso de pessoas trans e travestis na universidade*. Documentário. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

*TRANSEXUALIDADE NO CANDOMBLÉ*. Coletivo Ubuntu. Documentário. [S.l.]: Coletivo Ubuntu, [s.d.].

*REALIDADE T: O mercado de trabalho para mulheres trans em Macapá*. Documentário. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

*ARTISTAS: Acreditem na sua loucura — Entrevista com Rafaela Kennedy*. [Entrevista em vídeo]. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

*PLANETA B – BRIGITTE*. Documentário. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].